

REVISTA DA
ACADEMIA
PIRACICABANA
DE LETRAS



ANO VIII - Nº 13
PIRACICABA - 2016

REVISTA DA
ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS



Ano VIII – nº. 13
Piracicaba – Julho de 2016

REVISTA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

Publicação semestral da Academia Piracicabana de Letras,
fundada em 11 de Março de 1972 por João Chiarini,
CNPJ 54.014.808/0001-57, com sede na Rua do Rosário, 781,
CEP 13400-183, em Piracicaba.

E-mail: academiapiracicabanadeletras@gmail.com

Blog: academiapiracicabana.blogspot.com

A Revista da APL destina-se à divulgação de trabalhos de autoria dos membros da Academia e outras matérias de interesse cultural. Todas as matérias são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

ISSN: 2177-2797

EDITOR E JORNALISTA-RESPONSÁVEL:

JOÃO UMBERTO NASSIF (MTB 24 682)

Endereço: Rua do Rosário, 781 – 13400-183 Piracicaba SP

Toda a correspondência acerca desta revista deve ser enviada
ao Editor no seguinte endereço eletrônico:

E-mail: joonassif@gmail.com

CONSELHO EDITORIAL:

Antonio Carlos Neder

Aracy Duarte Ferrari

Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto

Ivana Maria França de Negri

Myria Machado Botelho

FOTOGRAFIA DA CONTRACAPA:

Mônica Corazza

DIAGRAMAÇÃO:

Genival Cardoso

PRODUÇÃO GRÁFICA:

Audáxia Agência Gráfica (19) 3927-3974

audaxial@gmail.com

*As opiniões expressas, assim como a revisão de texto, nos artigos assinados
são de responsabilidade exclusiva de seus autores.*

ÍNDICE

André Bueno Oliveira – <i>Ao Príncipe dos Poetas / Oi Lino</i>	7
Antonio Carlos Fusatto – <i>Vida Sertaneja / Poema para menina flor / No meu quintal</i>	9
Aracy Duarte Ferrari – <i>Campos do Jordão – Amor e Paz / Brasília, conjunto arquitetônico moderno, e ... / Palavras</i> ..	13
Armando Alexandre dos Santos – <i>Diplomacia e política exter- na de D. Carlos I</i>	17
Carla Ceres Oliveira Capeleti – <i>O Controverso Caso do Audácia</i>	33
Carlos Moraes Júnior – <i>Talheres</i>	43
Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto – <i>Do traço que revela a alma / Ritual</i>	45
Cássio Camilo Almeida de Negri – <i>Entre o nada e a eternidade / Voltar faz parte da viagem</i>	47
Elda Nympha Cobra Silveira – <i>Amigo Oculto</i>	49
Evaldo Vicente – <i>Da plateia do humor e da política</i>	51
Felisbino de Almeida Leme – <i>Lino poeta criança / Entardecer / Pelas estradas da vida / Na chuva chorando</i>	59
Francisco de Assis Ferraz de Mello – <i>O imigrante / O duro retorno</i>	61
Geraldo Victorino de França – <i>Conhecendo a origem dos nomes dos meses / Conhecendo os significados da palavra Fênix / Cuidado com a pronúncia / Conhecendo alguns vícios de linguagem / Conhecendo alguns nomes inadequados de animais</i>	63

Gustavo Jacques Dias Alvim – “Seu” Álvaro e o Horóscopo” (conto)	67
Ivana Maria França de Negri – Amor sem medidas! / Transmutação	73
João Umberto Nassif – Naqueles tempos.....	77
Leda Coletti – Raios de Sol / Lembranças do tempo de escola / O Semeador / O Vazio.....	81
Lino Vitti – Tarde piracicabana / Ser ou não ser poeta.....	85
Maria Helena Vieira Aguiar Corazza – Mãe não passa.../ “Tempo com amigas” / Declaração de amor à minha Terra / Falta “Deus”!	89
Marisa Amábile Fillet Bueloni – Pela vida afora / Sino ou Tambor? / Carta para um príncipe / Para os que dormem tarde.....	95
Myria Machado Botelho – A difícil tarefa de escrever	105
Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme – Navegando / O Novo	109
Sílvia Regina de Oliveira – Poesia / Blue Moon / Aralém / Ever Ever Land / Três Momentos.....	113
Valdiza Maria Caprânico – Dia Nacional do Livro Infantil / Música no Ar.....	117
Walter Naimé – Agosto, Mês do Cachorro Louco	121
APL em ação – Noticiário*	123

APRESENTAÇÃO

Estamos entregando para os acadêmicos e leitores em geral mais uma edição da revista da Academia Piracicabana de Letras, cuja publicação ocorre semestralmente. Esse é o espaço oferecido aos membros de nossa instituição para a divulgação de seus trabalhos literários, cujos temas são livremente escolhidos por cada um, sem restrição de gênero, atendendo, assim, todos os gostos. Essa variedade também pode ser uma estratégia para tornar ainda mais agradável a sua leitura.

Aproveitamos esse contato para solicitar, a cada um dos ocupantes das quarenta cadeiras, que não deixe de atender o pedido do nosso dinâmico e incansável editor, o acadêmico João Umberto Nassif, feito a cada semestre, no sentido de enviarem suas colaborações para serem divulgadas.

Sabemos que o mundo de hoje, com tantos apelos, muita correria e compromissos de diferentes ordens, encurtam o tempo de cada um, porém o nosso pedido não é tão difícil de ser atendido: queremos apenas um texto de sua lavra, a cada seis meses. Externamos o nosso agradecimento àqueles que têm sido frequentes nas páginas da revista, esperando que continuem servindo de estímulo e exemplo para os demais.

Pois bem, aí está a nossa revista, produzida com todo o carinho. Em que pese a sua reconhecida qualidade, sabemos que podemos avançar ainda mais. Estamos prontos a receber comentários, sugestões e críticas, pois essas vozes quando bem intencionadas podem propiciar avanços qualitativos e inovações, contribuindo, assim, para ampliar o número dos amantes da literatura e o desenvolvimento da nossa Academia.

Abraços todos!

Gustavo Jacques Dias Alvim
PRESIDENTE

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANDRÉ BUENO OLIVEIRA
Cadeira n° 14 – Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs

Ao Príncipe dos Poetas¹

Quero saudar nosso Príncipe eleito:
magnânimo poeta Lino Vitti,
que faz das Letras sua “causa vitae”
e da Poesia seu eterno pleito.

Um literato que jamais se omite
a defender as normas do Direito.
É da Moral um gladiador perfeito,
um líder de uma plêiade de elite.

Atrevo-me a dizer, e com alarde,
que essa glória chegou um pouco tarde
para alguém que de há muito a merecia.

Antes tarde que nunca: eis o ditado,
e hoje vemos finalmente coroado,
nosso Príncipe nobre da Poesia!

¹ MINHA HOMENAGEM A LINO VITTI

Publicada no jornal A TRIBUNA PIRACICABANA, em 25/01/1994.

Oi Lino²:

Teu Pegasus partiu em voo derradeiro,
levando-te em seu dorso além do firmamento;
veloz – o alvo corcel – bem mais que o pensamento,
deixou-te no portal de um Júri Verdadeiro.

Feliz mas desconfiado – etéreo cavaleiro –
entraste...Que beleza!... Oh Deus que encantamento!
Era o Céu, Lino Vitti, e por breve momento
julgaste ser um sonho em sono passageiro.

Mas não... Teu bom sonhar recusou-se ir contigo...
Os sonhos são assim: tu sabias, amigo,
ora bons ora maus, infiéis, controversos...

No garimpo dos teus, encontraste a Poesia,
a pepita maior cujo brilho alumia
como raios de sol que provêm de teus versos.

² MINHA ÚLTIMA HOMENAGEM A LINO VITTI (post mortem)
Publicada no jornal A TRIBUNA PIRACICABANA em 03/Julho/2016

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS FUSATTO
Cadeira nº 6 – Patrono: Nélio Ferraz de Arruda

Vida Sertaneja

Tez queimada de sol e carquilhas,
pés descalços marcando o chão.
Cigarro de palha preso na orelha,
antes do café, fervorosa oração!

Deixando aconchegante palhoça,
calça arregaçada, chapéu de palha, enxada na mão.
Sertanejo e cão amigo vão pra roça,
no ombro picuá com almoço: carne de caça, arroz e feijão.

Sertanejo lavra a terra, pra fazer plantação,
reza por chuva farta, pra garantir boa colheita.
Milho, mandioca, batata doce, arroz e feijão,
prepara também o terreiro, pra secagem ser perfeita.

De volta pra casa à tardinha,
rodeados dos filhos, que sublimação!
Sentado no toco banquinho,
dedilha a viola com muita paixão.

A natureza é sua escola,
lua prateada e as estrelas sua inspiração.
Sertanejo é simples, mas autodidata,
ele é o genuíno poeta do sertão.

Milho alimenta as galinhas,
com ovos caipiras se faz o pão.
Mandioca torrada no tacho, dá boa farinha,
reforço pros filhos na alimentação.

Pra comemorar mês de junho, sertanejas
enfeitam o mastro: Santo Antônio, São Pedro e São João.
Jovens e crianças carregam lenha pra fogueira,
cantando, dançando e fazendo oração.

Como é linda a cultura sertaneja, simples e ordeira!...
Com cravo, canela, cachaça, gengibre e açúcar,
dá delicioso quentão.

Batata assada nas cinzas da fogueira,
amendoim, pipoca, milho verde e pinhão.

Batendo colher de pau na gamela,
Nhá Maria: “bolo de fubá é um doce mió de bão”!...
Com leite, fubá, erva doce, ovos, açúcar, fermento e canela,
Saborosa iguaria pra festa de São João.

Quando surge o rezador,
segurando o terço e fazendo oração.
Os presentes se ajoelham em louvor,
aos santos: casamenteiro, porteiro do céu e João.

Após a reza o arraiá se ilumina,
luz da fogueira e lampions.
Sanfoneiro anuncia: vai começar a quadrilha!...
espocar de rojões e busca-pés, nos céus os balões.

Sanfona, tambor e pandeiro,
acorde de clarinete, cavaquinho e violões.
Arrasta-pé, noite estrelada e, o fogueteiro,
continua o espocar de fogos e soltura de balões!...

Saudade da infância e da casinha antiga,
daquele mui amado rincão.
As histórias do bondoso preto velho, ainda me fascinam
sobre sacis, curupiras e caçadas no grotão!...

Poema para menina flor

Estela menina flor, alma serena,
sorriso terno, cristalino, brandura divinal.
Tem a beleza d'um poema,
cantado em lira angelical.

Estela, hoje flor menina,
amanhã linda flor mulher.
Um sorriso que fascina,
emoldura lindo rosto, que toda mulher quer.

Olhos da cor do mar,
onde com o céu mescla no infinito.
Estela menina flor pra poetar,
pedra preciosa d'um garimpo bendito.

Flor criança, deixa-te embalar em meus braços,
ouve esta canção de ninar.
Meio desafinada, velho, cansaço,
neta querida, não me canso de olhar!

No meu quintal

Ele vem todos os dias, quer faça
calor, frio, sol ou chuva.
Da pitangueira, com delicadeza e graça,
trilando sonoridade, me saúda!

Sabiá-laranjeira canoro amigo,
desfila na janela beleza e harmonia.
Alado menestrel, busca alimento e abrigo,
deixo sob árvore: mamão, banana ou laranja-baía.

Com seu canto mavioso me alucino,
volto ao tempo de menino, mágico retrocesso.
Caçava com arapuça, gaiola de caça, até visco!...

Fico torcendo pro tempo não passar,
no seu trinado nostálgico me regresso.
Sou idoso... sou menino... não quero voltar!...

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ARACY DUARTE FERRARI
Cadeira nº 16 – Patrono: José Mathias Bragion

Campos do Jordão – Amor e Paz

Os majestosos pinheirais
Resquícios da Mata Atlântica,
As esculturas de Letícia Leirner
Numa visão ecológica,

A Serra da Mantiqueira e seus ais
Contorna a cidade e o coração.
Nos convidam alegres a adentrar
O Auditório Cláudio Santoro.

Músico, maestro, compositor amazonense,
Fundador de importantes orquestras,
De renome nacional,
E reconhecimento internacional.

Seu nome lembrado será,
Na cidade turística Campos de Jordão.
Conhecida, visitada, apreciada,
Cultura contagiante...

A produção deste poema
Culmina com a apresentação,
Da Banda Sinfônica do Estado de São Paulo.
Emocionou turistas de todo o Brasil.

Brasília, conjunto arquitetônico moderno, e ...

Visitar Brasília é sentir-se bem brasileira. A cidadania aflora a todo momento.

Gostaria de focar meu texto somente sobre o desenvolvimento e crescimento da capital do país, mas...

Após cinquenta e seis anos de sua fundação pelo presidente Juscelino Kubitschek, um dos desafios é como integrar esse crescimento populacional sem alterar o Plano Piloto. Projeto do renomado arquiteto urbanista Lúcio Costa, o qual teve como proposta criar uma cidade partindo de dois grandes eixos: um no sentido norte-sul e o outro, leste-oeste. Neste se encaixaria o eixo rodoviário formado pelas asas norte e sul.

Na parte oeste fica o eixo monumental, onde se situam os órgãos do governo: Palácios Esplanada, Jaburu e Itamarati, ministérios, secretarias, parlamento e senado projetados pelo famoso arquiteto Oscar Niemeyer. São obras conhecidas e admiradas mundialmente pelo estilo exuberante, inovador e desafiador.

Na parte leste há um conjunto arquitetônico considerado referência: Complexo Poliesportivo Ayrton Senna, Autódromo Nelson Piquet, Memorial JK, entre outros.

Tudo isso a partir de 1960. Atualmente, ano 2016, quais são as grandes e relevantes obras que nossos políticos têm executado?

Falando em político, mudei o enfoque do texto para o outro desafio: saber como está nosso governo e como a população está reagindo. A crise política tem sido destaque nos diversos meios de comunicação do país e do exterior. Assuntos em pauta efervescente sobre corrupção e suas falcatruas, as famigeradas pedaladas fiscais, a Operação Lava-jato... Os quais resultam em consequências trágicas para todos. A começar pela disparada elevação da inflação com acentuado aumento do custo de vida.

Os setores empresarial e comercial estão entrando em

concordata ou fechando suas portas, cujo motivo é a acentuada queda de produção e comercialização de seus produtos; elas não estão conseguindo enfrentar a crise político econômica do país e a ausência de vendas para o exterior.

E o que ocorre? Acentuado número de desempregados, são milhares, toda família tem pelo menos um desempregado e bem sabe as dificuldades enfrentadas.

Falta de verbas para que as Secretarias desempenhem seu trabalho com qualidade, eficácia, labor e produção; Saúde, Educação, Segurança Pública, Habitação.

Quem não ouviu falar: o fulano morreu na fila do hospital; o casal de idosos foi assaltado; os ladrões entraram armados na residência..., a educação está falida, as favelas aumentando. Vejam a situação dos favelados em São Paulo, Rio de Janeiro e outros municípios...

A crise política econômica chegou também para os profissionais liberais, mão de obra especializada, médicos, dentistas, geólogos, engenheiros, arquitetos, paramédicos, advogados, quase todos com sua clientela reduzida. Motivo: falta de dinheiro de seus clientes...

A construção civil também se encontra no rol problemático que acontece no Brasil com dispensa de seus funcionários, aumentando consideravelmente o número de desempregados.

Nosso país republicano, federativo com o regime democrático, onde seus governantes são escolhidos por voto direto são ou deveriam ser pessoas qualificadas, intelectuais, competentes, capacitados, com bom currículo. E por que deixaram a pátria amada chegar neste patamar calamitoso?

O cidadão assume seus deveres com responsabilidade e nem sempre conquista seus direitos. Como exemplo, salários defasados e padrão de vida decadente. Falta-nos tudo numa terra fértil, produtiva, onde tudo que se planta dá, o solo com quantidade e qualidade de minérios, riqueza na flora e diversidade na fauna, o parque aquático: rios, mares, lagos, oceano com quantidade e qualidade de peixes e frutos do mar. Até

nosso céu com imensidão de estrelas, inclusive o significativo Cruzeiro do Sul!

Alguém será capaz de responder o que está acontecendo com o Brasil e como resolver a questão política, econômica e social?

Quantas limitações e injustiças ocorrem no dia-a-dia? Cada um tire sua conclusão e não se esqueça que fomos coniventes ao deixar atingir essa situação insuportável. Só para lembrar, em 1822, D Pedro I compôs (música) o Hino da Independência e numa das estrofes diz: – “Brava gente brasileira, longe vá temor servil”... – Isso passados 194 anos, éramos considerados bravos, fortes e destemidos, batalhadores e por que hoje estamos tão frágeis?

É necessário que o cidadão com serenidade e espírito público tenha manifestações, como prenúncio de novas mudanças. Vamos redemocratizar nosso Brasil, Pátria Amada Idolatrada.

Palavras

As minhas palavras
Por sua natureza,
Sensível e humana,
Inspiradas por Deus.

Sonoras sem forma e cor,
Na comunicação é o centro
Ricas de sensibilidade...
Pra sorrir falar e cantar.

Vibrante, intensa,
Na ciência e essência
É múltipla e extensa.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ARMANDO ALEXANDRE DOS SANTOS

Cadeira nº 10 – Patrono: Brasília Machado

Diplomacia e política externa de D. Carlos I

Recebi de meu dileto Amigo D. Marcus de Noronha da Costa, Conde de Subserra, mais um trabalho de valor de sua lavra, intitulado, como este artigo, "*A política externa d'El Rei D. Carlos*", e editado em Lisboa, em edição parcialmente patrocinada pela Fábrica de Tabacos Micaelense S.A.

D. Marcus de Noronha da Costa, membro ativo da Academia Portuguesa da História e sócio-correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, é nome bem conhecido e respeitado nos meios intelectuais brasileiros. É descendente direto do último vice-rei do Brasil, D. Marcos de Noronha e Brito, 8º. Conde dos Arcos, e reside no bairro lisboeta da Alfama, no Palácio do Salvador, histórico solar que pertence a sua família há 600 anos e resistiu de pé ao famoso terremoto de 1755, que arrasou boa parte da capital portuguesa.

O conhecimento que D. Marcus tem sobre as pessoas e as coisas de nosso país, até nos seus pormenores, é imenso. Mesmo entre brasileiros de alta erudição e cultura, dificilmente encontram-se alguns que podem se equiparar a D. Marcus, nessa matéria.

Nas 32 páginas do denso opúsculo, o historiador lisboeta conseguiu resumir, com rara felicidade, todo o intrincado complexo das relações internacionais portuguesas durante o reinado do Rei D. Carlos – que subiu ao trono em outubro de 1889 e reinou por 18 anos, até ser assassinado de modo bárbaro, juntamente com seu filho e herdeiro o Príncipe D. Luís Filipe, no dia 1º de fevereiro de 1908.

D. Carlos assumiu a coroa num momento de grande desprestígio da monarquia lusa, quando do famoso *Ultimatum* de 1890, por meio do qual a Inglaterra – que nesse lance fez jus ao título de “*a pérfida Albion*” – se apossou da larga faixa territorial que unia as possessões lusas de Angola e Moçambique.

Num lento e pertinaz trabalho diplomático, em que tiveram papel fundamental as viagens que realizou pelo Continente europeu, D. Carlos fez reverter a triste situação de decadência lusa, chegando ao ponto de assegurar para Portugal um respeito e uma posição internacional realmente dignos de nota.

Para essa salutar reviravolta contribuíram não apenas os laços de parentesco do monarca com as grandes Casas reinantes da Europa, mas também seus dotes políticos, sua habilidade diplomática e ainda, complementarmente, as qualidades que possuía de exímio pintor de aquarelas e de oceanógrafo respeitado nos meios científicos de seu tempo.

Tradicionalmente, nas antigas monarquias as alianças e os tratados internacionais eram realizados entre as dinastias que governavam as nações e muitas vezes chancelados por casamentos. A própria honra das estirpes governantes ficava empenhada nos compromissos que em nome de suas nações elas assumiam. Essas estirpes figuravam, de certa forma, como fiadoras de suas nações, avalizando os compromissos delas.

Mesmo após a generalização das monarquias de constituição escrita, no século XIX, em que as funções administrativas e propriamente de governo passaram a ser exercidas não mais pelos monarcas, mas por seus ministros, ainda assim conservou-se o costume de deixar aos cuidados do monarca a condução da alta política externa. Porque se entendia, a justo título, que nunca um governante passageiro poderia inspirar a mesma confiança que inspirava um monarca vitalício e hereditário.

D. Carlos, como disse acima, conseguiu reverter uma situação de decadência, repondo Portugal numa situação de considerável prestígio internacional.

Essa foi a primeira grande tarefa de seu reinado. Outra tarefa, talvez ainda mais ingente, estava o monarca enfrentan-

do quando a morte o colheu: a de recompor a ordem política interna em seu país.

Na realidade, o reinado de D. Carlos é marcado por uma antítese: externamente, o prestígio de Portugal foi num crescendo cada vez maior, graças à atuação pessoal do soberano; e internamente, a situação política foi cada vez mais sendo minada pelos fatores de desagregação próprios de um regime parlamentarista quando não sabiamente contrabalançados por uma força centrípeta suficientemente atuante.

De fato, é nossa convicção pessoal que, sem embargo de ser a Constituição portuguesa de 1826 praticamente uma cópia da brasileira de 1824 – ambas devidas ao gênio político de D. Pedro – faltou em Portugal um monarca que tivesse sabido, dentro da ordem estritamente legal e sem deixar de respeitar a Carta Magna, fazer uso do Poder Moderador de modo a assegurar um equilíbrio entre as correntes partidárias que se digladiavam. Em outras palavras, Portugal não teve um rei que desempenhasse o papel que o Imperador D. Pedro II desempenhou do lado de cá do Atlântico.

O efeito foi que o rotativismo partidário, que deu certo na Inglaterra e a seu modo também no Império do Brasil, em Portugal foi desastroso. Deu no que lá se chamava a “partidocracia”. Os políticos, dizia-se lá, acabariam por destruir a nação. E o resultado foi que na fase final do reinado de D. Carlos, já no ocaso do regime, em reação contra o caos *partidocrático*, predominava a tendência de se realçar mais a autoridade real apoiada no governo enérgico de João Franco Castelo Branco.

De certo ponto de vista, o governo João Franco foi um retrocesso político. Pois uma ditadura, seja ela absoluta, seja relativa, em princípio só é necessária quando o organismo político-social está doente. Na vida das nações, períodos de ditadura equivalem exatamente a estágios em UTIs, na vida particular das pessoas. Num organismo político-social sadio, o normal é haver liberdade, como só a um doente se pode recomendar um estágio, de si excepcional, numa UTI...

D. Carlos, aliás, prestigiando o governo autoritário de

João Franco, cumpriu à risca seu papel de monarca constitucional, uma vez que correspondia aos desejos mais profundos da nação, expressos tão bem nos brilhantes escritos de Eça, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Arnoso e outros “Vencidos da Vida”.

Somente um homem da envergadura e do prestígio moral de D. Carlos poderia assegurar com sucesso a transformação de um regime “partidocrático” num regime de autêntico parlamentarismo monárquico.

Foi a essa tarefa que D. Carlos se estava votando com todas as forças quando o regicídio terminou seus dias. Seu sucessor, D. Manuel II, não estava preparado para reinar. Sem saber aproveitar-se da comoção nacional intensa que tomou Portugal de norte a sul após o regicídio – comoção essa que, se bem aproveitada do ponto de vista político, poderia afastar por muitas décadas o perigo republicano – começou o reinado substituindo o enérgico João Franco por políticos moderados que iniciaram, com os republicanos a tristemente bem conhecida política do “ceder para não perder”...

E dois anos depois, como é bem sabido, D. Manuel partia para o exílio, onde terminaria seus dias. E Portugal foi cada vez mais se afastando do que tinha sido no passado.

Visões e reflexões sobre o Brasil Império

D. Pedro I: um caso de amor e ódio

No dia 7 de abril de 1831, o Imperador D. Pedro I, fortemente pressionado por manifestações de descontentamento em relação a sua pessoa e a seu governo, abdicou da Coroa em favor de seu filho D. Pedro, que era menino de 5 anos de idade. Teve início, então, o período da Regência, que por falta de uma autoridade mais efetiva e de prestígio moral e simbólico, fez o país mergulhar numa situação conturbada em que perigo seriamente até mesmo a unidade nacional.

Existe um consenso, entre os historiadores do período, em considerar o governo de D. Pedro I, como excessivamente autoritário, quase despótico. Na verdade, o Primeiro Reinado vivenciou duas fases bem distintas, no que diz respeito à popularidade de D. Pedro. Na primeira, ele foi literalmente idolatrado; na segunda, passou a ser criticado, depois rejeitado, por fim quase odiado. Como explicar isso?

Vou tentar responder essa questão abordando-a por dois aspectos diferentes, ambos psicológicos. Um, de psicologia coletiva, outro, de psicologia individual. Começo pelo coletivo.

Tive ocasião de participar em Salvador, em 2008, de uma jornada de conferências sobre o segundo centenário da vinda para o Brasil da Família Real portuguesa. As sessões foram realizadas na sede da Faculdade Dois de Julho – instituição que constituía o germe de uma futura Universidade Metodista da Bahia. No período da tarde, depois de ter falado o Cônsul de Portugal, Dr. João Sabido Costa, fiz eu a minha palestra e, logo a seguir, tiveram os presentes o gosto de assistir a uma bela conferência do Prof. Ubiratan Castro de Araújo, natural da Bahia, negro retinto e doutor em História pela Sorbonne (com tese orientada pela Profa. Kátia Mattoso), sobre a breve passagem do Príncipe Regente D. João por Salvador, quando veio de Portugal para o Brasil e antes de se estabelecer no Rio de Janeiro.

O conferencista, que infelizmente iria falecer alguns meses depois, destacou que a presença da Família Real despertou nos baianos um entusiasmo indescritível, pois, além de todo o imaginário próprio da “liturgia” monárquica (ao qual, por temperamento, são muito afeitos os baianos), despertou também esperanças de que, cativado pelo charme peculiar da Bahia, D. João se resolvesse a fixar ali sua Corte, de modo que Salvador recuperasse a histórica posição de primazia que Pombal transferira para o Rio de Janeiro.

Foi, como acentuou o professor, um caso de amor, um caso de paixão intensa à primeira vista. A Bahia literalmente apaixonou-se

nou-se pela Família Real e, de modo muito particular, pelo Príncipe Regente. E decepcionou-se profundamente por não ter seu amor correspondido, ou pelo menos correspondido na medida em que desejava. O fato de D. João ter optado pelo Rio de Janeiro para sede da Corte magoou, também profundamente, a Bahia. E o amor intenso, infeccionado por ciúmes, transformou-se num ressentimento que acabou adquirindo características vingativas. O republicanismo da Bahia, segundo o professor, teve raízes num amor intenso transmutado em ressentimento vingativo.

Não concordo inteiramente com o Prof. Ubiratan nesse particular de ser a Bahia especialmente republicana, pois durante todo o segundo reinado ela sempre foi fiel ao imperador, foi a província do Império que mais forneceu voluntários para a Guerra do Paraguai e, em 1889, foi a última província a aderir à república. Não creio, por isso, que se possa falar da Bahia como tradicionalmente republicana. Mas, de qualquer modo, essa transmutação psicológica do amor em ressentimento, e ressentimento vingativo e explosivo, é útil para entendermos o que se passou com D. Pedro I, no Brasil.

O primeiro dos brasileiros, o fundador da nacionalidade, o ídolo incontestado do Brasil inteiro, o depositário das melhores esperanças da nova pátria, transformou-se de repente no “português”, no “estrangeiro”, antipatizado e pouco simpático. Sou levado a achar que, além das explicações políticas que por certo são muito reais, também se passou com D. Pedro I um fato psicológico análogo ao exposto pelo brilhante professor baiano.

Em outras palavras, D. Pedro I foi detestado precisamente na medida do amor intenso que antes despertara. A decepção que produziu era tão imensa quanto as esperanças que antes despertara. É para esse fator psicológico coletivo que eu gostaria de chamar a atenção dos leitores, sem desprezar, é claro, outros fatores que intercorreram.

D. Pedro I: liberal ou autoritário?

Um segundo fator psicológico também atuou, a meu

ver, e atuou intensamente, na personalidade muito especial do nosso primeiro imperador. D. Pedro I possuía, paradoxalmente, ideias em tese muito liberais... mas era, individualmente, dotado de um temperamento ardoroso, impaciente, impulsivo, explosivo, que o tornava muito inclinado ao autoritarismo. Curiosamente, em diversos lances de sua vida nota-se algo do bom senso e até do bonacheirismo de seu pai, mas em muitos outros se nota o temperamento apimentado (de pimenta malagueta...) de sua mãe espanhola.

Acredito que ele próprio não se dava conta desse paradoxo, para não dizer dessa contradição. Acredito que ele, na sinceridade de seu espírito, se cria um autêntico liberal, que julgava, nos momentos de seus repentes de impulsividade e autoritarismo, estar tão-somente favorecendo a causa do liberalismo.

O fato é que a Constituição que deu ao Brasil foi a melhor de quantas tivemos em nossa história, a mais duradoura, a mais eficiente. Por maiores que tenham sido os seus aspectos – digamos assim – pouco regulares no modo de ser adotada, o fato é que constituía um prodígio de bom senso e equilíbrio. A fórmula que adotou, de um Quarto Poder, personalíssimo do Imperador, como moderador e chave de cúpula de todo o aparelhamento governativo (com uma proposital ambiguidade na sua interpretação e, mesmo, na sua extensão), proporcionou ao Brasil um longo período de estabilidade institucional e paz interna. Refiro-me, claro, não ao período conturbado do primeiro reinado e, ainda menos, ao conturbadíssimo período da Regência, geralmente considerado um primeiro ensaio de caos republicano. Mas refiro-me à maior e mais extensa fase do segundo reinado, desde quando, pacificadas as revoltas (Farrapos, a Revolução liberal de 1842 e a Praieira) que ainda podiam ser consideradas rescaldos ou prolongamentos do período regencial, a ordem interna se estabilizou notável e prolongadamente.

De caráter impulsivo e explosivo, como disse, D. Pedro se assustou com as forças centrífugas, desagregadoras e

caotizantes que seu liberalismo despertara. A memória dos desvários da Revolução Francesa ainda estava bem presente a todos os espíritos. Havia que segurar o carro, pois, enquanto era tempo... E, entendendo o Poder Moderador a seu modo, aplicou-o com rigor e de acordo com seu temperamento, ou seja, autoritariamente. Creio que o fez, repito, acreditando piamente estar salvando os princípios liberais. E talvez devamos reconhecer nós, com a perspectiva histórica em que nos situamos hoje, que, se ao invés de ter sido firme e autoritário como foi, D. Pedro tivesse um temperamento abúlico, inseguro e hesitante como o do rei Luís XVI ou o do czar Nicolau II, o Império se teria desfeito e, com ele, a unidade nacional.

É curioso que o mesmo D. Pedro I que, no Brasil, acabou deixando a marca de seu autoritarismo e voluntariedade, em Portugal procurou firmar, sem conseguir inteiramente, sua imagem como paladino do liberalismo e do anti-absolutismo. E seu irmão D. Miguel I, que era muito mais respeitador das liberdades fundamentais do Reino luso, tenha passado, na historiografia liberal portuguesa, e em quase toda a historiografia brasileira, como absolutista e contrário às liberdades.

Na verdade, o ato de D. Pedro, de outorgar uma constituição ao Brasil e outra a Portugal, por iniciativa própria, na lógica do sistema jurídico-institucional luso, consagrado pela tradição das Cortes Gerais, era profundamente arbitrário e autocrático. Igualmente o foi o fato de ele ter renunciado à coroa portuguesa em favor de sua filha D. Maria da Glória, passando por cima dos direitos já possuídos por seu filho D. Pedro (II). Desde quando, nas monarquias tradicionais, um rei podia distribuir reinos a seus filhos como um fazendeiro distribui terras a seus filhos? Com a morte de D. João VI, em 1826, ou D. Pedro herdou a coroa portuguesa ou não herdou. Na ótica dos miguelistas, não herdou, pois se tornara voluntariamente estrangeiro em face de Portugal, ao proclamar a independência do Brasil e ao adotar a nacionalidade brasileira. Na ótica de D. Pedro, porém, e dos liberais portugueses, D. Pedro era verdadeiramente o novo rei de Portugal, como

legítimo sucessor de seu pai D. João VI. Se assim era, e se ele reunia em si as duas coroas, seu sucessor seria o filho varão mais velho. D. Pedro I não podia, sem violar as leis fundamentais da sucessão dinástica, passar por cima dos direitos de um filho já nascido e destinar a coroa de Portugal a uma filha. Fazendo isso, cometeu um ato profundamente arbitrário e contrário às leis da sucessão. Igualmente não podia chamar a si a atribuição de outorgar a Portugal uma lei constitucional nova, ignorando todo o passado já assentado e definido pelas antigas Cortes, que formavam, de acordo com o pensamento bem assente desde 1640, uma espécie de Constituição histórica, se bem que não escrita, do Reino.

Quanto a D. Miguel, este timbrou em ser fiel a essa constituição histórica. Embora aclamado por toda parte como rei desde que aportou em Lisboa, chegado de Viena, recusou intitular-se tal até 1828, quando as Cortes reunidas em Lisboa o aclamaram regularmente como Rei. E como tal D. Miguel I reinou, sem qualquer problema, reconhecido por potências como os Estados Unidos, o Papado, a França e a Inglaterra, até 1830, quando a queda de Carlos X na França, com a consequente ascensão do governo liberal de Luís Filipe, quase concomitante com a substituição de um gabinete tory por um whig, em Londres, alterou profundamente o sistema de apoios de D. Miguel. Simultaneamente, também, no Brasil ia se azedando a situação de D. Pedro I, que passou a considerar cada vez como mais exequível a ideia, inicialmente tresloucada, de voltar a Portugal e disputar ao seu irmão o trono luso. O resto é bem conhecido. Depois de uma longa e sangrenta guerra civil que durou três anos inteiros, afinal rendeu-se D. Miguel em Évora-Monte e D. Maria da Glória subiu ao trono, sem que nunca seu irmão D. Pedro II, Imperador do Brasil, lhe contestasse o direito de reinar em Portugal.

No imaginário popular português, D. Miguel permanece muito vivo até hoje, pois era grande sua popularidade. Há lembranças dele no folclore provinciano luso. Numerosas famílias conservaram simpatias miguelistas profundas, ape-

sar das perseguições que foram intensas, décadas a fio. Não cabe me estender aqui sobre isso, mas apenas registrar que, contrariamente ao que supõe quem considera a historiografia oficial dos liberais, considerável parte do povo português não se convenceu do liberalismo de D. Pedro, mas dele conservou uma ideia mais bem autoritária e autocrática.

Enfim, essa a contradição profunda do espírito do nosso primeiro Imperador, como também, de certa forma de seu irmão D. Miguel. Sobre os dois irmãos, a obra clássica de Oliveira Lima – “Dom Pedro e Dom Miguel” – mantém-se atual e faz muita luz.

O prestígio internacional do Imperador D. Pedro II

Em 1840, antecipada a maioridade de D. Pedro II, este, com apenas 14 anos de idade assumiu plenamente suas funções imperiais e deu início ao seu reinado.

Em 1876, o “New York Herald”, considerado hoje um dos grandes precursores do jornalismo moderno, encarregou o repórter James O’Kelly de acompanhar a viagem de D. Pedro II, Imperador do Brasil, aos Estados Unidos.

O que logo chamou a atenção do jornalista norte-americano foi o cunho familiar da monarquia brasileira e a enorme popularidade de que gozava o Imperador.

“Não era um Chefe despedindo-se cerimoniosamente da nação que governava, era antes um casal adorado despedindo-se da família” – escreveu ele, ao se referir à partida de D. Pedro II e da Imperatriz D. Teresa Cristina, em correspondência que seu jornal publicaria na edição de 16 de abril de 1876.

No quase meio século em que reinou D. Pedro II - 1840 a 1889 - pode-se situar, sem dúvida, uma fase sob muitos aspectos áurea da história brasileira.

No Velho como no Novo Mundo, era bastante elevado o prestígio de que se revestia a figura de nosso monarca. Em consequência, era também muito alto o conceito do Brasil.

Repetidas vezes o Imperador foi chamado a arbitrar pendências entre grandes potências mundiais.

Em 1871, os Estados Unidos e a Inglaterra submeteram a seu julgamento a rumorosa questão do barco Alabama. Representou o Brasil, no tribunal reunido em Genebra para a arbitragem, o Barão de Itajubá.

Um conflito surgiria, anos depois, entre as duas maiores repúblicas do mundo. A França reclamava dos Estados Unidos indenizações por danos que haviam sofrido cidadãos franceses durante a Guerra da Secessão. Ainda desta vez, o soberano do Brasil foi convidado oficialmente a integrar o tribunal que decidiria a contenda. Representou-o, em Washington, o Barão de Arinos.

Mais tarde, em 1884, os Estados Unidos, a França, a Alemanha, a Itália e a Inglaterra pediram a decisão brasileira sobre indenizações que deveriam ser pagas em decorrência de guerras do Pacífico.

Quando rebentou na América do Norte a Guerra Civil, Napoleão III, que então governava a França, ofereceu-se como mediador entre os sulistas e os nortistas. Foi recusado pelo Presidente Abraham Lincoln, que estava disposto, porém, a aceitar a mediação do imperador do Brasil – conforme declarou o Secretário de Estado William H. Seward, em 19 de setembro de 1861, ao Príncipe de Joinville (cunhado de D. Pedro II), ao Conde de Paris e ao representante diplomático brasileiro acreditado em Washington, Miguel Maria Lisboa, futuro Barão de Japurá.

Este último comunicou logo no dia seguinte, ao governo brasileiro, o que era evidentemente, senão um pedido indireto de mediação, pelo menos uma sondagem diplomática. D. Pedro II achou preferível não aceitar de imediato, mas dar uma resposta dilatatória, o que fez, em 7 de novembro do mesmo ano, por despacho de seu Ministro dos Negócios Estrangeiros, Magalhães Taques. Nesse meio tempo a Guerra da Secessão já tomara, infelizmente, um curso que impossibilitava qualquer esperança numa solução pacífica, devendo arrastar-se até 1865.

Talvez nenhum episódio seja tão significativo do pres-

tígio internacional do Brasil sob o reinado do segundo Pedro como o rumoroso "caso Christie".

Com efeito, naquela contenda desencadeada em 1862 pela falta de tacto e pela imprudência do ministro inglês no Rio de Janeiro, William Dougal Christie, o Brasil saiu prestigiado e engrandecido.

O diplomata britânico, insatisfeito por não serem punidos, conforme desejava, policiais brasileiros que haviam prendido oficiais ingleses à paisana que, embriagados, faziam desordens nas ruas do Rio de Janeiro, enviou ao nosso governo violento ultimatum. Não sendo este atendido, ordenou que navios ingleses apresassem cinco embarcações mercantes brasileiras.

O Império não teria condições de sustentar uma guerra contra o Reino Unido. Mas venceu-o no campo diplomático. Sobretudo venceu-o moralmente.

A atitude do Imperador foi de firmeza total. Disse que preferia perder a coroa a mantê-la sem honra na cabeça. E recusou terminantemente qualquer negociação sob ameaça da esquadra inimiga, e enquanto não fossem devolvidos os barcos apreendidos.

Christie achou mais prudente recuar. Os navios brasileiros foram logo devolvidos. O caso, confiou-se ao juízo de um árbitro imparcial – o Rei Leopoldo I, da Bélgica, tio da Rainha Vitória. E Christie foi chamado de volta a Londres, sendo substituído por outro diplomata mais sensato, e até simpático ao Brasil, Cornwallis Eliot.

Mas D. Pedro II não considerou encerrado o caso. O decoro nacional exigia uma satisfação condigna pela ofensa recebida. Como Londres não quisesse apresentar essa satisfação, seguiu-se o inevitável rompimento de relações. O ministro do Brasil em Londres, Carvalho Moreira (futuro Barão de Penedo), pediu seus passaportes e retirou-se da Ilha com toda a legação. E Mr. Eliot, por sua vez, foi convidado a retirar-se do Brasil, em junho de 1863.

No mês seguinte, Leopoldo I proferia sentença favorável ao Brasil.

A Inglaterra ainda relutou longamente em reconhecer que seu representante havia agido mal, e tentou restabelecer relações diplomáticas, e sobretudo comerciais, sem pedir desculpas. Do ponto de vista econômico, é preciso dizer, não foram pequenos os prejuízos que sofreu o comércio inglês nos dois anos em que estiveram interrompidas as relações.

Afinal, ante a inflexibilidade do Império brasileiro, a Inglaterra acabou por ceder, e um emissário especial, Edward Thornton, foi enviado ao Imperador, para manifestar o quanto a Rainha Vitória lamentava todo o ocorrido e apresentar formalmente o pedido de desculpas do governo inglês.

Para cumprir sua missão, o emissário precisou deslocar-se até a tenda de campanha de D. Pedro II, no Extremo Sul do País, diante da cidade de Uruguaiana que as tropas brasileiras haviam acabado de reconquistar aos paraguaios.

Foi como vitorioso, e acompanhado de seus aliados argentinos e uruguaios, que o Imperador quis receber o pedido de desculpas da poderosa Grã-Bretanha.

O declinar de um grande Império

O declínio do nosso Império acompanhou, passo a passo, o declinar da própria saúde do Imperador D. Pedro II, personalidade marcante, profundamente entranhada no imaginário e na mentalidade dos brasileiros de sua época. De tal modo o imperador representava, simbolizava e personificava toda uma ordem de coisas política, social e cultural que, por assim dizer, generalizou-se a ideia de essa ordem não poderia sobreviver ao velho monarca.

O que faltou foi uma maior explicitação e conscientização de que o regime monárquico transcendia muito a pessoa do monarca, por mais paradigmático e carismático que este fosse. Faltou uma fundamentação doutrinária que, expressa em termos acessíveis aos homens da época, representasse um “exorcismo” suficientemente poderoso para resistir às tentações e aos cantos de sereia das novidades republicanas.

Normalmente, atribui-se o fim do Império e a procla-

mação da República a três causas principais: a abolição da escravidão, a questão militar e a questão religiosa. Esses três pontos, realmente, sinalizam três importantíssimos apoios do antigo regime que, por razões diversas, lhe foram retirados e permitiram o advento da República.

A Abolição, sobretudo tendo se realizado às vésperas de uma colheita, produziu grande descontentamento entre os proprietários rurais, força conservadora de grande prestígio social e político, de si um dos sustentáculos do regime. Os republicanos, que mais tarde se gabariam de terem sido abolicionistas, eram, na sua maioria, escravocratas e criticaram o Treze de Maio.

A questão militar deveu-se, segundo entendo, à falta de habilidade política dos sucessivos gabinetes que governaram o país desde o final da Guerra do Paraguai (1870). Estando em ascensão uma nova classe dirigente civil, já formada nas Academias de Direito e não mais saída, como outrora, das academias militares, os militares foram se sentindo cada vez mais alijados dos grandes postos administrativos. Um pouco de diplomacia e jeito teria resolvido o problema, mas sucessivas medidas foram tomadas de modo a desagradar as cúpulas das forças armadas. O cúmulo da humilhação foi a nomeação de Calógeras, um civil, para a Pasta da Guerra.

Por fim, a bem conhecida questão religiosa cindiu a tradicional sustentação mútua Trono-Altar. Neste ponto concreto parece-me inegável uma contradição interna do regime, que, rejeitando a fundamentação religiosa de sua remota origem, de fato recusava o apoio de seu mais sólido sustentáculo moral.

Desejo chamar aqui a atenção para um outro elemento que contribuiu, a meu ver de modo decisivo, para o fim do Império. Para quem leu "Ordem e Progresso", de Gilberto Freyre, fica claro que atuou certo fator psicológico, presente na sociedade brasileira nas últimas duas décadas do regime monárquico, por onde o advento da república parecia incoercível. Até mesmo monarquistas ferrenhos pouco a pouco

foram se resignando à ideia de que a república significava o futuro. Alguns até reconheciam a república como um ideal em tese desejável, se bem que não alcançável a prazo breve. O próprio D. Pedro II, segundo consta, teria declarado que preferiria ser presidente de uma república a imperador.

A doutrina e a mentalidade positivistas que então impregnavam a sociedade considerada moderna viam a História como o resultado de uma evolução incoercível, e a transição da monarquia para a república seria etapa necessária de tal evolução. Só não se sabia quando se daria essa transição.

Assim sendo, o debate entre monarquistas e republicanos já não mais se travava sobre as virtudes e vantagens de cada regime político, mas passava a ser sobre se convinha ou não fazer logo a mudança. Os monarquistas já não tinham coragem de combater a república em seus pressupostos doutrinários e ideológicos, mas, timidamente, limitavam-se a dizer que “o Brasil ainda não estava preparado para a República”.

Recordo de ter lido, nas Memórias de Chateaubriand, que ele, ainda jovem, serviu no exército contrarrevolucionário do Duque de Brunswick, formado por emigrados da nobreza para combater a Revolução Francesa. Da narração de Chateaubriand se depreende que esse exército não poderia estar fadado senão à derrota, já que os jovens aristocratas que serviam em suas fileiras estavam profundamente impregnados da mentalidade enciclopedista e voltairiana, e nutriam admiração pelos ideais revolucionários que, não por convicção, mas por mera força de um atavismo familiar, combatiam com armas na mão.

Analogamente, nos anos 70 e 80 do século XX, quando o domínio mundial do comunismo parecia inevitável, muitos burgueses amolecidos declaravam-se simpatizantes do socialismo e diziam ser este o regime do futuro, contra o qual era impossível resistir. A esse ponto havia chegado o entreguismo e a falta de convicção na justiça da causa que, enquanto burgueses, teriam todo o interesse em defender.

Esses dois exemplos, o do exército amolecido e pouco

motivado de Brunswick, e o da burguesia mais recente a que me referi, parece-me que servem como referenciais para se compreender como o Brasil monárquico de 1870-1889 foi sendo minado e perdendo a convicção da legitimidade de seu sistema.

Acrescente-se a isso o mimetismo, o espírito imitativo e macaqueador tão próprio do nosso povo, e compreende-se que tenha preferido imitar o modelo das republiquetas hispano-americanas.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARLA CERES OLIVEIRA
CAPELETI

Cadeira nº 17 – Patrona: Virgínia Prata Grigolin

O Controverso Caso do Audácia

*Um jaguar gentil demais,
Num barquinho de papel,
Foi parar no Canadá,
Virou tigre do Martel.*

O Audácia, velho cargueiro espacial, dedicado ao transporte de substâncias ilícitas, bens contrabandeados e produtos de procedência duvidosa, fazia jus ao nome. Apenas seu comandante, o Capitão Martel, imaginava saber o que os porões da nave escondiam a cada viagem. A carga oficial – caso inspetores famintos por suborno perguntassem – permanecia a mesma: sucata tecnológica para planetas carentes.

Incerto de seu autocontrole, o Capitão Martel não portava armas. Quando necessário, encarregava seus assistentes Oort e Kuiper das mortes acidentais de fiscais gananciosos. A quarta tripulante, se estivesse a bordo, seria a Dra. Durga, uma ativista pelos direitos dos animais ou, segundo a polícia interplanetária, uma terrorista ambiental foragida.

Fazia poucas horas que o Audácia deixara a estação espacial rumo ao posto de inspeção, quando suas luzes internas piscaram pela primeira vez. Todo o cargueiro permaneceu às escuras, por cinco segundos. Irritado, o Capitão Martel perguntou por Durga, a única ausente da cabine de comando. “A Dra. Durga não está a bordo, capitão”, respondeu Kuiper, enquanto Oort tentava disfarçar uma pontada de dor.

“Como assim, não está a bordo?” berrou o capitão. “Eu a vi na nave antes de partirmos. Ela passou por mim quando fui inspecionar o porão de carga.”

“Sim, ela veio ajustar os controles pra viagem, como prometeu, e se despedir de nós”, respondeu Oort. “Parece que ela tem alguma objeção moral quanto à carga.”

As luzes se apagaram novamente. Ainda no escuro, o capitão continuou falando: “Estou vendo a beleza de ajuste que ela fez. Objeção moral! Boa essa! Desde quando ela é amiguinha de vocês dois? Da última vez que eu soube, gente da sua laia deixava a nossa doutora enojada.”

Kuiper e Oort não responderam. De fato, a Dra. Durga jamais demonstrara simpatia pelo casal, mas agora que Oort estava grávida, esperando um filho de seu irmão Kuiper, a cientista parecia sensibilizada pelos problemas que aquela família ilegal enfrentaria caso fosse descoberta.

“Pronto, a luz voltou. Oort, vá verificar os controles gerais porque os instrumentos aqui da cabine não registram anomalias”, ordenou o Capitão Martel.

“Deixa que eu vou, capitão”, disse Kuiper, levantando-se de um salto e pondo-se imediatamente a caminho. Sabia que a esposa já estava sentindo as primeiras contrações. Qualquer esforço físico poderia apressar o parto, levando a criança a nascer nas garras do capitão. Por enquanto, Martel não fazia ideia de que Oort estivesse grávida. Talvez nem pensasse nela como uma fêmea. Parecia vê-la como um irmão menor de Kuiper. O casal de irmãos gêmeos usava roupas largas, cabelos curtos e nomes falsos, que a Dra. Durga (outro nome falso) achava ridículos.

Um barulho vindo do porão de carga levou Kuiper a adiar sua visita aos controles. Sem dúvida, algo se movia onde não deveria haver ninguém. As luzes do porão piscavam alternadamente, a um décimo da potência, dando um ar fantasmagórico ao labirinto de sucata. Com o ouvido atento, Kuiper andou até o corredor onde escondera o berço do filho. A caixa ainda estava lá. Em sua inspeção pró-forma, o capitão passara por ela sem se dar conta. A melhor política a bordo do Audácia era só investigar os pertences alheios se alguém roubasse os seus.

Uma respiração ofegante pareceu vir de outro corredor. Será que o capitão estava transportando escravos outra vez? Era esse o motivo da objeção moral que fizera a Dra. Durga abrir mão de uma viagem lucrativa?

“Socorro! Alguém me ajude!” disse uma voz fraca.

“Quem está aí?” perguntou Kuiper, sacando a arma.

“Sou eu, Max Scliar, o enfermeiro. A Dra. Durga me mandou para substituí-la.”

Kuiper correu até Max e precisou ampará-lo enquanto o levava aos antigos aposentos da Dra. Durga. Fora do compartimento de carga, a iluminação estava normal. “Você não é muito jovem pra ser enfermeiro?” perguntou.

“É. Eu me formei mais cedo porque, quando a gente tem profissão e proposta de trabalho, o orfanato nos deixa sair e viver por conta própria.”

“Senta aí na cama e respira. O que você estava fazendo no porão? Por que não se apresentou à cabine de comando?”

“Acho que tive uma crise de claustrofobia. Entrei em pânico. Este é meu primeiro emprego a bordo. As luzes se apagaram. Andei na direção errada e me perdi.” O rapaz começou a revirar uma frásqueira com seus poucos pertences. “Esqueci de trazer tanta coisa. Onde eu estava com a cabeça?”

As luzes voltaram a piscar por um segundo. Kuiper se lembrou dos controles que precisava averiguar. Ainda conversando, saiu do quarto, mas parou no meio do corredor, sugerindo que Max escolhesse um nome de guerra se quisesse continuar trabalhando no Audácia. De repente, um tropel de cascos anunciou a passagem de um quadrúpede em disparada. Aquele raio preto e branco derrubou e pisoteou Kuiper que, mesmo caído, atirou contra o animal.

“Max, quebrei a perna. O que era aquilo?” perguntou Kuiper, abandonando a arma no chão para examinar a fratura exposta.

“Era uma zebra, um animal raro, da Terra”, disse Max, abaixando-se para avaliar o estrago e, discretamente, empurrando a arma de Kuiper para dentro do quarto.

* * *

O tiro de Kuiper pegou de raspão. A zebra prosseguiu, ainda mais assustada, rumo à cabine de comando. Martel acompanhou sua chegada pelos monitores. Oort recebeu-a com um tiro fatal.

“Então foi por isso que o senhor e a Dra. Durga discutiram tanto, capitão? Estávamos transportando um animal extinto”, comentou Oort, aproximando-se do monitor para observar o marido.

“Não, Oort, esse animal não estava a bordo”, respondeu o capitão, confuso, examinando a zebra. “Não sei de onde ele veio.”

“Sei. E aquele rapazinho ali, imobilizando a perna do Kuiper, o senhor também não sabe quem é, certo?” perguntou Oort, irônica, apontando pro monitor.

* * *

Martel e Oort levaram o ferido para a enfermaria. Com a desculpa de apanhar a maleta de primeiros socorros, Max voltou ao quarto, pôs a arma de Kuiper no cinto, sob as vestes, e correu para juntar-se aos demais.

* * *

“Parece que o Capitão Martel não gostou de mim”, disse Max, ajudando Oort a arrastar o corpo da zebra até o incinerador.

“Ele é um psicopata. Não gosta especialmente de ninguém, mas não me mandou te matar. Isso quer dizer que te acha útil. É o melhor que se pode esperar dele”, respondeu Oort, acariciando o pelo do animal. Conforme o nascimento do filho se aproximava, sentia-se cada vez mais emotiva.

“Não entendo por que ele escondeu essa zebra e agora quer incinerá-la. Será que íamos levá-la para um zoológico de animais recriados em laboratório?”

“Duvido. Alguns magnatas ainda mantêm zoos particulares com animais geneticamente recriados, mas essa zebra não é um deles.”

“Claro que é, Oort! Todas as zebras são recriações, ou descendentes de zebras recriadas. A espécie original foi extinta faz tempo.”

“Ah, tá. Mas me diga só uma coisa, senhor zebrológo: é comum zebras terem letras estampadas na orelha?”

“Como é!?” estranhou Max, aproximando-se para observar. Bem visíveis, na orelha esquerda da zebra, apareciam as letras “RP”, escritas em pelo negro, ao centro de um círculo de pelo branco. Max ia dizer que se tratava de uma coincidência, um padrão aleatório, mas uma breve queda de energia mudou o rumo da conversa.

“Olha, Max, você joga a zebra no incinerador. Eu preciso dar um jeito nessas luzes. Depois a gente se vê na enfermaria. Vou precisar da sua ajuda profissional”, disse Oort, saindo.

Junto com o corpo da zebra, Max incinerou a arma de Kuiper.

★ ★ ★

As portas automáticas do *Audácia* começaram a abrir e fechar em intervalos irregulares. Ainda assustada pelo aparecimento da zebra, Oort sacou sua arma. Um bando de suricatas passou correndo e se espalhou pela nave. No fim do corredor, surgiu uma suricata retardatária, meio zonza. Deu uns passos, depois se pôs em pé. Uma hiena saiu do porão de carga e saltou sobre o animalzinho. Oort atirou na hiena e saiu correndo antes que algo pior aparecesse.

★ ★ ★

Outra suricata zonza entrou na enfermaria. Max conseguiu pegá-la com facilidade. O animalzinho pesava pouco mais de meio quilo. Na orelha esquerda, tinha as letras “RP”, escritas em pelos castanho-claros, contrastando com os pelos marrom-escuros do restante da orelha. Seu coração parecia prestes a explodir.

“Que bicho é esse?” perguntou Kuiper, imobilizado na cama. “Parece dócil. É seu animal de estimação, Max?”

“É uma suricata. Acabou de morrer nas minhas mãos e eu nem sei por quê.”

* * *

O Capitão Martel não estava na cabine de comando. Com o auxílio dos monitores, Oort foi encontrá-lo em frente à sala de armas, cuja porta, a despeito dos murros e chutes que recebia, continuava fechada.

“Atire nessa porta, Oort! Precisamos nos armar ou estaremos perdidos.”

“Eu matei um tipo de cachorro monstruoso agora há pouco. Tem uma dezena de animaizinhos estranhos correndo pela nave...”

“Eu sei. Atira na porta, logo!”

“Atiro em você, se não me disser o que está acontecendo”, respondeu Oort, apontando para Martel.

“Nós estamos transportando uma impressora biológica Richard Parker. Precisamos desligá-la antes que infeste a nave com cópias de recriações. Entrar no porão, sem armas de verdade, seria loucura.”

Oort estremeceu e atirou na porta. As infames bioimpressoras Richard Parker eram proibidas. Faziam ótimas cópias de criações pré-existentes, mas apresentavam graves problemas éticos. Se algum fiscal descobrisse que estavam transportando uma Bio RP, nenhum suborno os livraria da prisão.

Três tiros depois, a porta continuava lacrada.

“Esquece a porta, Oort. Isso é coisa da Durga. Ela arrou pra nós, travou a porta. Quer nos matar ou nos levar presos. Vamos pra enfermaria. Temos que pegar a arma do Kuiper e entrar no porão.

* * *

“Como assim, você jogou a arma do Kuiper no incinerador, seu moleque idiota?” gritou Martel, derrubando Max com um soco.

“A Dra. Durga me mandou proteger os animais”, cho-

ramingou Max, limpando o sangue do nariz. “Ela me deu esta oportunidade de trabalho.”

“Oort, mate esse infeliz!” ordenou Martel.

“É melhor esperar, capitão”, respondeu Kuiper. “Vamos enfrentar animais perigosos. Um enfermeiro ainda pode ser útil”.

Martel deu uns chutes em Max e foi com Oort, para o porão de carga.

★ ★ ★

As luzes do porão continuavam piscando alternadamente, a dez por cento da potência. Martel pediu a arma de Oort. Ela recusou.

“Isso é insubordinação, Oort. Entregue a arma e siga atrás de mim.”

“Siga o senhor atrás de mim, se quiser, capitão. Ou saia daqui e deixe que eu atiro na Bio RP”, respondeu Oort, tomando a dianteira.

“Você quer destruir uma das poucas impressoras biológicas que ainda restam? Enlouqueceu?”

“Não é seguro chegar perto para desligar, capitão. Não sabemos com que frequência a Dra. Durga programou a saída das biocópias. Temos que atirar.”

“Dá aqui essa arma!” rosnou Martel, agarrando Oort. Após uma breve luta, conseguiu desarmá-la e empurrá-la contra uma pilha de sucata. Da penumbra, um tigre saltou sobre Oort. Por engano, o capitão atingiu o felino com um tiro que planejava para a subordinada. Ferido, o animal fugiu do porão.

“Espere por mim, Oort. Quando eu voltar, juro que te mato”, prometeu Martel, prosseguindo rumo ao fundo do porão, onde estava a bioimpressora.

Sentindo fortes contrações, Oort se esgueirou o mais silenciosamente possível até a enfermaria. Max obrigou-a a se deitar e aplicou-lhe uma injeção para retardar o parto. “Fique quieta aí ao lado do seu marido. Não se preocupe com o bebê. Eu vou pedir socorro. às naves mais próximas.”

“Mas o capitão vai voltar e me matar”, argumentou Oort.

“Não, Oort, se você disser que está grávida, ele muda de ideia”, garantiu Kuiper. “Nosso filho será um bebê ilegal, um segredo que precisaremos esconder por toda a vida. O capitão vai preferir nos chantagear.

“Ele não vai me dar tempo de contar nada, Kuiper. Vai chegar atirando”, desesperou-se Oort.

“Tem razão”, concordou Max, que acabara de enviar um pedido de socorro. “Venha comigo, Oort. Eu vou te esconder enquanto o capitão esfria a cabeça.”

Pelos corredores, Max e Oort viram umas cinco suricatas mortas.

“É uma pena que essas biocópias vivam tão pouco”, comentou Oort.

“Eu estava pesquisando sobre isso no terminal da enfermaria. Quanto menores, menos vivem”, acrescentou Max. “Também por esse motivo, os defensores da vida são contra as Bio RP. Dizem que não é justo dar uma centelha de vida a seres que morrerão em pouco tempo.”

“Os apreciadores de carnes recriadas não se importam com isso. Pra eles, basta que os restaurantes clandestinos criem, na hora, o animal que vão consumir.”

★ ★ ★

Martel chegou perto da bioimpressora sem maiores incidentes, embora o piso estivesse coberto por uma gosma escorregadia e o ar tivesse um cheiro estranho. A máquina zumbiu, todas as luzes piscaram, um peixe-voador atingiu o rosto do capitão, que se desequilibrou e caiu ao alcance de um tubarão agonizante. Furioso pela mordida na perna, Martel atirou no tubarão e na Bio RP.

★ ★ ★

Quando a ajuda chegou, encontrou Oort com vida, onde Max a escondera: do lado de fora da nave, usando um traje espacial. O Capitão Martel não resistira à mordida do

tubarão. Kuiper servira de refeição ao tigre. Max Scliar, o tigre e as suricatas, todos com as letras RP impressas na orelha, morreram de ataque cardíaco. Só os peixes com RP impresso perto das guelras morreram por falta de ar mesmo.

A Dra. Durga continuou foragida. O Max Scliar original não foi considerado cúmplice, mas vítima de plágio biológico. O rapaz cursou medicina e tornou-se escritor. O movimento contra o bioplágio continuou caçando as impressoras Richard Parker restantes. O Audácia mudou de nome e continuou no mundo do crime.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CARLOS MORAES JÚNIOR
Cadeira n° 18 – Patrona: Madalena Salatti de Almeida

Talheres

Não é muito raro encontrar pessoas, cujo *hobby* é levar lembrancinhas de restaurantes, motéis e por aí vai. Mas não é uma lembrancinha qualquer. É coisa robusta: copos, pratos, talheres. Já imaginou: a madame entra no restaurante finís-simo e sai com um copo tulipa na bolsa. Não me perguntem como esse copo foi parar ali. A moda pegou por muitos anos, mas foi em motéis e aviões, na maioria das vezes. Ah! Esqueci do frigobar dos hotéis. Deve ser uma delícia afanar aquelas garrafinhas do frigobar. Mas daí, é preciso fugir com o produto do furto, senão vem a conta salgada para pagar. Imagine! A pessoa com um monte de garrafinhas no bolso, querendo dar beijo na recepção. Tem aquelas pessoas que não resistem furtar alguma coisa do alheio. Nos ricos essa necessidade se chama, pomposamente, de cleptomania, e nos pobres, é sacanagem mesmo. Assim na lata. O pessoal até respeita a madame ladra, mas não quer nem saber se o pobre é doente, neurótico. Vai em cana!

Tinha um amigo meu, infelizmente já falecido, então já viu que sou a única testemunha dos fatos. Ele fazia isso em qualquer lugar que ia, e não sei se por causa da idade, ou porque os locais já têm uma certa quantidade de coisas para serem mesmo roubadas, sempre dava certo. O cara tinha até coleção, imagine. Era um monte de badulaques de todo tipo: de porta copos até taças finas, copos em geral, passando pelos talheres. Sim. Talheres! Quando o meu amigo ia almoçar ou jantar em algum lugar, sempre saía com um talher, um garfo chique, uma faca de prata maravilhosa, toda entalhada, ou aquela colher maneira. E os talheres, mormente eram de

respeito: enormes e pesados. Coisa fina, que dava gosto de roubar.

Em São Paulo, certa vez, fomos almoçar no Restaurante Fogo de Chão, uma churrascaria maravilhosa, que todo mundo deve conhecer, já que é ponto alto do churrasco e da costela da Capital. Coisa cara, para poucos, mas nós que não éramos poucos, estávamos lá, para tentar roubar uma faca de prata de churrasco, que era o objeto de desejo de qualquer cristão, ainda mais, dos dois caipiras, que lá estavam, vestidos para roubar.

Escolhemos a mesa, gozamos daquele atendimento classe A e começamos o almoço. Olhei para o meu amigo e vi que ele estava enrolando a faca no guardanapo, deixando-a preparada para desaparecer. Não deu certo o seu intento, porque o objeto era muito pesado, mas um bocado de tempo depois, vi que ele estava tentando enfiar a faca na manga do paletó, disfarçadamente. Na minha opinião, que estava totalmente apavorado, e quem sabe, me entregando de tanta aflição, ele estava puxando a faca sem olhar para lugar nenhum. Quero dizer: se alguém ver tá visto. A gente pede desculpas e ficará tudo por isso mesmo. Mais um pouco de tempo e ele conseguiu enfiar a faca na manga e segurando-a com a palma da mão, fez um gesto rápido e a colocou no bolso interno do paletó. Fiquei aliviado quando ele conseguiu, mas ainda me batia uma paúra de que, por ser pesada, aquela faca, de alguma forma escorregasse, e caísse para chamar a atenção de todos que ali estavam. Graças a Deus, meus medos não se concretizaram.

Porém, quando terminamos de almoçar o *maitre* trouxe a conta e meu amigo reclamou que o valor estava muito alto. O *maitre* respondeu que estava a maior porque ele estava descontando o valor da faca roubada. Ao que meu amigo respondeu: "Não me chame de ladrão! Eu sempre trago os meus talheres de casa quando venho a um restaurante. Na falta de provas absoluta, não pagamos o acréscimo e levamos a faca!"

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARMEN MARIA DA SILVA
FERNANDEZ PILOTTO

Cadeira n° 19 – Patrono: Ubirajara Malagueta Lara

Do traço que revela a alma

*“A arte da grafite é acima de tudo,
a arte da cidade e do público que nela vive”*

Profa. Maria Antonia Ramos – PUC SP

Imagens rupestres registraram fatos
E delinearam histórias a *posteriori*
revelando quadro a quadro o *Homo sapiens*

O mundo evoluiu e cidades se soergueram
Altaneiras, opressivas e acinzentadas

Os traços migraram aos muros
Viadutos e passarelas
Não em registros factuais
Mas nos protestos consensuais

Espaços ociosos começaram a gritar
Sangrentas vozes das dores
Bizarros circos de horrores
Marcas dos conflitos urbanos
Cenários da crueza das nuas ruas
E de uma vultosa transgressão dos valores
Que aflora na marginalidade
E revela a arte das periferias

E mesmo nas estampas atraentes
Resquícios de um consumismo bizarro
Pulsando no coração humano
Guerra do poder manipulador
Camuflagem do valor intrínseco do produto

Vezes outras
O colorido tinge de sorrisos
Pedacos de muros carcomidos
Tonalizados de multicores almas
Que não se cabiam em si
E precisavam sair as ruas
Num bailado de vivacidade e magia

Rituais místicos que se perpetuam
Da era paleolítica à contemporânea...

Ritual

“Todo o dia ela faz tudo sempre igual...”

Chico Buarque

Seis horas da manhã. Lá fora o lusco-fusco do alvorecer já se internalizou no rádio relógio que estridentemente me lembra da bizarra mesmice do cotidiano. Lavo o rosto sempre de baixo para cima, começando no queixo e terminando nos olhos, que semicerrados se recusam ao confronto matinal.

Abrindo o chuveiro, meu coração prepara uma pequena oração de agradecimento que acaba entoada mentalmente embalada pelo som das gotas sobre o corpo.

A cada aurora, minha alma se renova do desejo de viver. Removo com a “bucha de cerca” a aspereza da noite que ficou no corpo, como se limpasse resíduos de sonhos incompreendidos ou não realizados.

O líquido límpido traduz diariamente o desejo do novo, da purificação dos maus sentimentos, da energização necessária ao enfrentamento dos pares.

Enxugo cuidadosamente os poros, como se eu me auto impregnasse de orvalho que inspira os dias, um após o outro, até que Deus me leve para seu lado.

Tenho convicção de que o céu é repleto de águas que representam a seiva da verdadeira vida e que a luz virá espargida nas gotículas translucidas da sabedoria divina!

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CÁSSIO CAMILO ALMEIDA
DE NEGRI**

Cadeira n° 20 – Patrono: Benedicto Evangelista da Costa

Entre o nada e a eternidade

Dizem os cientistas que todo o universo atual surgiu de um ponto.

Um ponto infinitamente pequeno que tudo continha, pois infinita era sua massa.

Esse ponto de tão pequeno era zero, o nada, e desse nada que tudo continha, através da manifestação surgiu tudo, através de uma grande explosão, o big-bang.

Desse zero, fez-se tudo. Interessante é que o zero foi criado na Índia e graças a ele, foi possível avançar a matemática, a física e todas as outras ciências. O que seríamos sem o zero, o nada....

O nada é tão importante, que sem ele não teríamos o tudo, por exemplo, como seria uma caneca, se ela não tivesse o seu nada, o seu vazio?

Uma casa, o que seria se não tivesse o vazio, o seu nada? Seria um bloco compacto, e onde iríamos habitar?

Um carro, sem o seu vazio... Um elevador sem seu vazio... Uma roupa sem seu vazio... Tudo precisa do nada para ser útil.

Por isso, o nada, representado pelo zero, que é um círculo, mostra uma linha sem fim, pois onde ela termina, recomeça e não tem extremidade, em sendo nem começo nem fim, é eterna e em seu conteúdo existe o nada.

Entre o nada e a eternidade estamos nós, o espírito que somos, um nada eterno, o verbo ser.

Quem sou eu? Perguntam os filósofos.

Um ser entre o nada e a eternidade e apesar de eu não compreender isso, eu sei que eu sou o que sou.

Voltar faz parte da viagem

Quando viajamos, é grande a alegria ao partir e maior a felicidade ao voltar.

Colocados em uma balança, provavelmente o braço do voltar é o que pesaria mais.

Conforme passam os dias, semanas, meses, vai formando em nosso coração uma angústia causada pelo querer voltar, rever o lar, rever as pessoas que ficaram, dar os presentes escolhidos a dedo para cada um dos nossos deixados para trás.

Isso me faz lembrar a parábola do filho pródigo, que estava na casa do Pai, onde tinha tudo, e resolve deixá-la e correr o mundo. Nessa viagem vai gastando tudo que tinha, até chegar num estado em que, na miséria, comendo a comida dos porcos, resolve voltar à casa paterna, dessa viagem tão necessária para o seu aprendizado.

Talvez essa seja a razão da felicidade do voltar.

Essa parábola é a viagem da alma no mundo, que sai do seio de Deus no paraíso, desce à terra, enfrenta todas as mazelas e sofrimentos, se enche de angústia durante a vida terrena e então volta à Casa Paterna após tantos dissabores, mas ao adentrar sua verdadeira Casa, se enche de alegria infinita.

A jornada é longa, necessária para a aprendizagem, mas voltar faz parte da viagem e é sua melhor etapa.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ELDA NYMPHA COBRA SILVEIRA

Cadeira n° 21 – Patrono: José Ferraz de Almeida Junior

Amigo Oculto

Recebemos vários e-mails sobre alimentação e um deles recomendando comer alfafa, outro indica, vejam bem, comer capim, também devemos comer milho. Fiquei pensando: deve ser para nos igualar aos animais mesmo, para perdermos essa pose de animais superiores, porque segundo as pessoas que amam os animais, estão nos comparando com eles, mas só que inferiores a eles. Vejam bem: o cão é fiel ao seu dono, guarda a casa e o perdigueiro leva o homem à caça, o São Bernardo procura as pessoas perdidas na neve e há cães que trabalham como detetives nos aeroportos, farejando as drogas talvez escondidas dentro das malas ou no bolso dos passageiros. Há cães farejadores que ajudam a procurar bandidos. Há também os acompanhantes de cegos. Muitas pessoas solitárias e sem família têm um cão como seu amigo e companheiro, para passear, ir as compras e preencher o espaço da casa que se tornou vazio, com o passar dos anos. Vamos fazer um paralelo com os humanos. Muitos homens e mulheres não são tão fiéis, porque talvez, a fidelidade não lhes seja inerente.

Se colocarmos alguém vigiando nossa casa ou mesmo o quarteirão, ele usa seu apito no começo da noite, mas depois é um silêncio total, porque naturalmente estará dormindo. Já o cão de guarda não faz isso. Experimente se aproximar do portão de qualquer casa, ele late e avança sobre o intruso. Se colocarem alguém para procurar drogas num aeroporto é quase certo que esse homem não será da mesma confiança. Como

policial ele também não é mais confiável, disso temos certeza.

Se forem acompanhantes de cegos ou pessoas solitárias, muitas vezes, são falhos e ingratos pois sempre abusam da confiança neles depositada.

Certa vez, quando morava no Bairro Alto – gosto de dizer assim, não me acostumo com Cidade Alta,– o portão da garagem estava aberto e nosso cachorro escapou. Foi um alvoroço, porque a carrocinha estava chegando. Ela iria levar o cachorro ao canil da Prefeitura e a Lei dizia que se os cães capturados não fossem procurados pelos donos dentro do período de quatro dias, seriam sacrificados. Desta forma se acreditava que não restariam mais cães pelas ruas da cidade.

Como na época tinha uns sete anos de idade, chorando, montei no cachorro, que era bem grande, à espera dos homens que o viriam aprisionar. Nisso, minha família inteira já estava na rua e minha mãe me protegendo clamou para os tais funcionários, que assim foram embora. Por muito tempo passei a me sentir uma heroína, pois os vizinhos não falavam outra coisa. Há muitas histórias sobre a fidelidade dos cães como o conto japonês “Sempre ao seu lado” que se transformou num filme americano emocionante estrelado por Richard Gere que fez o papel do professor na universidade de Tóquio, que adotou um filhote que chamou de Hachiko, tornando-se grandes amigos. Todos os dias ele viajava e o cão o esperava de volta na estação de trem. Depois da morte de seu dono, Hachiko continuou a esperá-lo debaixo de qualquer tempo por dez anos e ficou tão estimado pelo povo, que ganhou uma estátua. São exemplos como esses que nos levam a comparar os animais com os humanos que são animais racionais, mas nem sempre têm essa sensibilidade, e parece até que ela está sendo abafada ou abolida pelo que se lê e se vê pelo mundo.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO EVALDO VICENTE
Cadeira n° 23- Patrono: Leo Vaz

Da plateia do humor e da política

Na tentativa de trazer algumas informações sobre humor e política, a convite da presidente do IHGP, Valdíza Maria Caprânico, além de agradecer pela deferência da nova diretoria, entendo que falar menos ajuda, falar pouco é melhor ainda, porque os discursos longos precisam se aproximar da perfeição, o que não é o caso nesta noite.

Se eu me recorresse só aos tempos do descobrimento, já iria – com bom humor! – dizer que o escrivão Pero Vaz de Caminha impressionou Dom Manuel, o Venturoso, em carta, ao afirmar que, aqui, na então Pindorama dos indígenas, ou na Ilha de Vera Cruz, ou Terra Nova, ou Terra dos Papagaios, Terra de Vera Cruz, Terra de Santa Cruz, Terra de Santa Cruz do Brasil, Terra do Brasil e, finalmente, Brasil, onde, “em tudo se plantando dá”. Ah!, se estivessem lá a turma da fundação do Salão Internacional de Humor de Piracicaba! O pensamento crítico no Brasil seria outro e, com humor, seria possível construir uma outra versão portuguesa do que é política.

E a sociedade brasileira cresceu, e cresceu muito em suas desventuras e nas desventuras de suas instituições, a ponto de Luiz Carlos Martins Pena, dramaturgo e diplomata, já ser, na primeira metade do século XIX, o responsável pela comédia de costumes que iam se formando e se firmando no Brasil. Lá vem, em 1838, Martins Pena com a peça teatral “O Juiz de Paz

na Roça”, cujo enredo destaca a corrupção de um juiz de paz que, usando a autoridade e a inteligência, vê a inocência dos roceiros com casos cômicos. Servidor mais próximo do juiz, o escrivão viabiliza as ordens, não tem a intenção na corrupção, mas se surpreende com algumas decisões do magistrado. A companhia de João Caetano dos Santos cuidou da teatralização dos textos de Martins Pena, que se tornaria patrono da cadeira 29 da Academia Brasileira de Letra, quase 60 anos depois. Um registro para alertar que o humor está atento!

Mas do Império, guarda-se uma boa lembrança de político e intelectual famoso, Ruy Barbosa, que condenava – ainda na condição de Deputado Geral, antes de ser o segundo senador que mais tempo esteve no cargo em toda República –, Ruy condenava, com todas as letras, a Lei do Ventre Livre. Alguém na imprensa da época – estou falando de 1880 – foi feliz com uma charge que uma senhora, negra, dizia: “vai, filhinho, você está livre”, e um jovem negro, na pré-adolescência, corria na frente da mãe, que completava: “vai ser menino de rua”. Era o humor da época refletindo o que, nas teses acadêmicas, seria tudo confirmado: o Brasil emancipou os escravos com pinga gota. Lamentável. E só o ex-presidente José Sarney, do sempre pobre Maranhão, ganhou de Ruy de tempo no Senado.

Já na República, há humor com os presidentes. Dudu era o apelido do presidente Hermes da Fonseca, enquanto o nosso Prudente José de Morais Barros ficava com o de Biriba, e sobrava o de Pavão para o presidente Campos Salles, a quem se referiu o presidente Fernando Henrique Cardoso como seu exemplo. Os cabelos, em parte, já o dizem bem. Soneca foi o apelido do presidente Rodrigues Alves, deixando o de Tico-Tico para Afonso Pena, além de Seu Lalá para o presidente Venceslau Brás. Numa passada rápida pelo então Palácio do

Catete, nada demais ter um Lula, já no Planalto, para o presidente Luiz Inácio da Silva, que levou o apelido para o nome.

Na virada do século XIX para o XX, nas Repúblicas a partir da Segunda e até a Revolução de 1964, há uma figura exponencial do humor e da política: Apparício Fernando Torelly, gaúcho de Rio Grande, nasceu em 1895, estudou Medicina e deixou o curso no quarto ano por ter sofrido um derrame, mas foi daí que o Brasil ganhou o humorista, que faleceu em 1971. Ele criou o “Barão da República” e, depois, rebaixou-o para o Barão de Itararé, numa referência à cidade do Sul do Estado de São Paulo, onde se encontraram, simbolicamente, as oligarquias e as forças vitoriosas, a chamada Revolução de 30, em que se uniram Paraíba, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, terminando no Golpe de 30, liderado por Getúlio Vargas. Exemplo intelectual, Apparício Torelly é o patrono do Centro de Estudos da Mídia Alternativa, atualmente presidido por Altamiro Borges.

O Barão de Itararé é considerado um dos criadores do jornalismo alternativo no país e o pai do humorismo brasileiro. Em vários jornais, ele ironizou as elites, a imprensa, criticou a exploração e enfrentou os governos autoritários. Preso, ele nunca perdeu o seu humor. Sempre genial, apanhou da polícia do Estado Novo, do também gaúcho Getúlio Vargas, e inventou a famosa frase: “Entre sem bater”, colocada na porta da sua sala, numa alusão perfeita ao que lhe acontecia.

Como viu o lado progressista de Vargas, o Barão de Itararé criticou os udenistas com uma frase estratégica: “Não é triste mudar de ideias; triste é não ter ideias para mudar”. No Brasil democrático de 1946, foi eleito vereador na cidade do Rio de Janeiro pelo PCB (Partido Comunista Brasileiro) e fez todo movimento em torno das fraudes na indústria leiteira. E crivou o lema: “mais leite, mais água e menos água no leite”.

Fazia a então Câmara do Rio de Janeiro rir e pensar, como explicou o então senador Luiz Carlos Prestes: “o Barão não só

fez a Câmara rir, como as lavadeiras e os trabalhadores. As favelas suspendiam as novelas para ouvir as sessões que eram transmitidas pela rádio”. Cassado em 1947, não perdeu a oportunidade: “Eu saio da vida pública para entrar na privada”.

Empastelado seu jornal, *A Manhã*, com inúmeras dificuldades financeiras, escreveu com muito humor: “Devo tanto que, se eu chamar alguém de ‘meu bem’, o banco toma”. Com humor, viu a crise que levaria Vargas ao suicídio em 1954, e garantiu: “Há qualquer coisa no ar, além dos aviões de carreira”.

Criticou os jornalistas Assis Chateaubriand e Carlos Lacerda ao mesmo tempo, que tinham os jornais tradicionais, enquanto o Barão de Itararé firmava-se na imprensa alternativa, a que ainda chamamos de nanica: “Nunca desista de seu sonho. Se acabou numa padaria, procure em outra.” E vieram outras frases, anotadas para este momento:

“Dizes-me com quem andas e eu te direi se vou contigo.

Sábio é o homem que chega a ter consciência da sua ignorância.

O banco é uma instituição que empresta dinheiro à gente se a gente apresentar provas suficientes de que não precisa de dinheiro.

Tudo seria fácil se não fossem as dificuldades.

A televisão é a maior maravilha da ciência a serviço da imbecilidade humana.

Este mundo é redondo, mas está ficando muito chato.

Precisa-se de uma boa datilógrafa. Se for boa mesmo, não precisa ser datilógrafa.

O fígado faz muito mal à bebida.

Tudo é relativo: o tempo que dura um minuto depende de que lado da porta do banheiro você está.

Viva cada dia como se fosse o último. Um dia você acerta.

Tempo é dinheiro. Paguemos, portanto, as nossas dívidas com o tempo.

As duas cobras que estão no anel do médico significam que o médico cobra duas vezes, isto é, se cura, cobra, e se mata, cobra.

O voto deve ser rigorosamente secreto. Só assim, afinal, o eleitor não terá vergonha de votar no seu candidato.

Negociata é um bom negócio para o qual não fomos convidados.

A moral dos políticos é como elevador: sobe e desce. Mas em geral enguiça por falta de energia, ou então não funciona definitivamente, deixando desesperados os infelizes que confiam nele.”

E três referências atuais não são demais pelo momento político.

Sobre o deputado federal Eduardo Cunha: ele falando de crimes é tipo *personal trainner* com barriga de *chopp*, sem credibilidade

Sobre o vice-presidente Michel Temer: pense duas vezes para decorar a Árvore de Natal com as fotos do vice-presidente; ao assumir, pretende cortar sete ministérios, e criar quantos?

Sobre a presidente Dilma Rousseff: certamente sonhou em vice como Barjas Negri teve Sérgio Pacheco e Gabriel Ferrato tem João Chaddad.

Dos governadores, fico na citação de Adhemar Pereira de Barros porque há fatos curiosos que o envolvem: o apelido da sua amante, “dr. Rui” (Ana Capriglione), que tentou esconder algum tempo, mas depois admitiu publicamente, principalmente algum tempo depois do 31 de março de 1964, em 1966. Ele tinha que levar a amante e o cofre para Paris, quem sabe, cheio de milhões de dólares, porque a corrupção era farta. Reservadamente, se alguém interessar, posso contar o que sei da história do “dr. Rui”.

Como apoiou a Revolução de 64, Adhemar achava que um dia ia ser presidente, mas, perdendo a esperança, resolveu usar do humor para criticar o presidente Castelo Branco.

“Castello não é uma gracinha?” perguntou-lhe, num programa de TV ao vivo, a apresentadora Hebe Camargo.” Uma gracinha? Ele é horroroso”, retrucou Adhemar, provocando risos nervosos na apresentadora. Ao jornalista Ferreira Netto, também na TV, ao vivo, disse mais: “O Castello é mais feio por dentro que por fora”.

Outro fato curioso em relação a Adhemar de Barros. Nasceu em Piracicaba, na rua da Boa Morte e foi levado para São Manuel já na primeira infância. Nada demais. Seu sucessor no Governo do Estado de São Paulo, Lucas Nogueira Garcez, um dos seus mais competentes secretários, mas lhe criou dificuldades na volta ao poder em 1962. Foi Adhemar que o fez governador, e ninguém o conhecia. Apesar dos problemas atribuídos a Garcez, Adhemar voltou ao então Palácio dos Campos Elísios.

Piracicaba tem uma história meio parecida como essa de Adhemar de Barros e Lucas Nogueira Garcez, só pensar nos últimos 12 anos da política local. Talvez um Barão da Rua do Porto poderia, imitando o Barão de Itararé, conferir a briga imaginária que ainda não terminou na margem esquerda do rio Piracicaba. No Dialeto Caipiracicabano, tão bem explicado pelo escritor Cecílio Elias Netto em seu Dicionário, a questão entre o ex-prefeito Barjas Negri e o prefeito Gabriel Ferrato, é “rebosteio”, uma encrenca irremediável.

E também do Dicionário do Dialeto Caipiracicabano o registro da expressão “Mandá telegrama pro Getúlio”. Trata-se de uma “expressão elegante”, eufemismo para dizer “ir ao banheiro”: “Numa audiência com o então finíssimo governador Carvalho Pinto, um ex-prefeito de Capivari ficou com dor de barriga, falou: ‘O senhor dá licença, governador? Eu preciso mandá telegrama pro Getúlio’. O governador espantou-se: ‘Mas como? O Getúlio já morreu.’”

E, nesses dias, é impossível falar de política e humor ao mesmo tempo, sem citar o processo de impedimento da presidente Dilma Rousseff, especialmente da reunião, transmitida ao vivo, da Câmara Federal dia 17, um domingo à tarde, para colher os votos dos representantes do povo, os 513. Foram frases lindas, emocionadas, cheias de lições gramaticais, respeito profundo ao vernáculo pátrio, sem maldades, sem ofensas, numa lisura que o decoro parlamentar vai além do que precisa, “pela mãe, pelo pai, pela família, pelo filho que vai nascer, pelo neto...” Até um deles citou dois filhos, esqueceu-se de um, e voltou para corrigir. Haveria necessidade de citar algumas frases, feitas ou de improviso, que mostrassem a fragilidade intelectual de representantes? Não, prevaleceu o humor da população com as redes sociais.

E ajuda, nesse caso, uma antiga piada, até ingênua, de autor desconhecido: “Um casal de professores, sempre desejando um bom futuro para o seu filho, faz aquela pergunta dos sonhos. – Filho o que você quer ser quando crescer? O garoto responde: – Eu quero ser político, mãe. A mãe, surpresa com a resposta, pergunta: – Por que político? – Ora, mãe, porque nunca vi político saindo nas ruas para fazer manifestação por melhores salários.”

Com essas rápidas anotações de séculos diferentes, XIX, XX e XXI, nesses 47 anos de jornalismo local e diário, com o caldeirão sempre em fogo alto, sinto-me mergulhado numa plateia, assistindo políticos – com exceções que devem ser enaltecidas – que servem menos na defesa de políticas públicas das quais realmente necessitamos. Mas, com humor, caminhamos, todos, com imprensa alternativa praticada pelo Barão de Itararé e avançada porque as redes sociais permitem com eficiência. E artistas gráficos, esses gênios como o Barão de Itararé, serão sempre reconhecidos pela capacidade de fazer rir, mas, acima de tudo, pela segurança de fazer pensar.

O poder de criação é algo admirável em todos os que sabem fazer “a fotografia por dentro”, definição mais rápida que conheço sobre caricatura e vem do professor e ex-ministro Delfim Neto, talvez o mais registrado nos Salões de Humor das décadas de 70 e 80, que aos 88 anos continua irreverente ao dar explicações sobre economia e política.

Assim, sempre um viva a Piracicaba, a Capital Mundial do Humor, pelo seu Salão Internacional, fazendo-a divertida e feliz e, ao mesmo tempo, caipira e irreverente no pensamento, além de guardião da sua história sintetizada nesta entidade, o IHGP, cuja nova diretoria toma posse para mais trabalhos nesses 49 anos.

Recorro-me ao poeta João Baptista de Souza Negreiros Athayde em suas “Variações poéticas sobre a banalidade do mal”, para encerrar, da plateia, considerações desse circo sem fim, que é o lado ruim da política, substituindo as palavras “poema” e “poesia” por “humor”:

“Cada poema (humor) semeie
o joio da maldição
sobre o trigal das vaidades
onde medram nulidades
enterrando uma nação”.

E, agradecendo a atenção de todos, finalizo ainda com versos de Negreiros Athayde:

“Que a poesia (humor) seja a espada
e a lava, e o fogo e o cinzel
moldando num tempo novo
nova história para um povo
novo mundo e novo céu”.

Palestra durante a sessão de posse da nova diretoria do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP), em 27.04.2016, sede da Acipi (Associação Comercial e Industrial de Piracicaba)

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO FELISBINO DE ALMEIDA LEME
Cadeira nº 8 – Patrono: Fortunato Losso Neto

Lino poeta criança

Lino poeta criança,
Mensagem viva do amor.
Bom sonho de esperança,
No desabrochar da flor.

Expoente da poesia,
E forte na inspiração.
Seu dom é sabedoria,
Alegrando o coração.

Bem humilde ao escrever,
Sempre firme em suas metas.
Orgulhamo-nos ao dizer:
– O príncipe dos Poetas!

Entardecer

Entardecer,
Despedida do dia.
A lua sorrindo para você,
Tudo é poesia.

Entardecer,
Sinto na alma o hino de amar.
A rainha natureza põe-se a adormecer,
Pelas ruas um trovador sai a cantar.

Amanhecer,
Numa luz misteriosa e divina.
Uma força sublime faz o dia aparecer,
Despertando o sono da fada menina.

Pelas estradas da vida

Com fé e esperança,
Amando na alegria.
Paz na confiança,
No raiar do dia.

Na prece da emoção,
Homem reza ajoelhado.
Acalenta o coração,
Em silêncio isolado.

Mãos fortes unidas,
Cheias de paz e carinho.
Pelas estradas da vida,
Já não sigo mais sozinho.

Na chuva chorando

Na chuva chorando,
A lua sobre mim.
Continuo caminhando,
Nos passos sem fim.

Meu corpo molhado,
A brisa companheira.
Cansaço superado,
Com a fé verdadeira.

O dia vem raiando,
Na manhã abençoada.
O sol já despontando,
É o fim da caminhada.

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO HONORÁRIO FRANCISCO DE
ASSIS FERRAZ DE MELLO**

O imigrante

Era um forte e sonhava sonhos altos
Deixou, por isso, um dia, a sua terra.
O trabalho, para ele, era uma guerra
Para vencer-se em mais de mil assaltos.

Transpôs rios e montes, mares saltos
Em busca de riquezas. Subiu serra.
E aprofundou o arado sob a terra.
No sonho louco dos homens incautos.

Mas foi-lhe ingrata a vida. E o coitado
Quando sentiu o sonho terminado,
Velho demais para que alguém se engane,

Olhou atrás de si o que ficara,
Com desencanto impresso-lhe na cara
Suspirou com tristeza:” – mondo cane.”

O duro retorno

Dizia: “– Nunca mais bebo desta água,
Nem deste pão amargo provarei.
Já não pertencço a esta maldita grei.
De sofredores em perene mágoa.

Deixei o pântano onde a dor deságua.
No império da fortuna me amparei
E vou vivendo como vive um rei
A vida que vivi da mente apago-a.”

E extinguiu da memória a experiência.
Então a sorte, com feral demência,
Para o lodo de entanho o arremessou.

E foi beber exato daquela água,
Comer do pão e reviver na frágua
Do passado que tanto desprezou.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GERALDO VICTORINO DE FRANÇA

Cadeira n° 27 – Patrono: Salvador de Toledo Pisa Junior

Conhecendo a origem dos nomes dos meses

Ao longo da história, já foram feitas várias versões do calendário. Inicialmente, o ano tinha dez meses, sendo que janeiro e fevereiro foram acrescentados depois. A origem dos nomes dos meses do ano é a seguinte:

Janeiro – homenagem a Jano, deus romano considerado o senhor das passagens, o deus dos inícios.

Fevereiro – deriva do deus Febris, a quem nessa época do ano os romanos homenageavam com festas de purificação, a fim de apaziguar os mortos com sacrifícios e oferendas.

Março – homenagem a Marte, deus da guerra.

Abril – para uns, provém de Afrodite, deusa do amor; para outros, vem do verbo latino “aperire”, referência à abertura das flores, já que este mês marca o início da primavera no hemisfério norte.

Maior – homenagem à Maia, deusa da honra e da reverência.

Junho – referência à deusa Juno, protetora das mulheres (especialmente das casadas) e da maternidade.

Julho – originalmente chamado “Quintilis”, por ser então o quinto mês do ano; porém, depois passou a ser denominado julho, em homenagem ao imperador Júlio Cesar.

Agosto – inicialmente chamado “sextilis”, por ser então o sexto mês do ano; porém depois mudou para agosto, em homenagem ao imperador Cesar Augusto.

Setembro – deriva do latim “septem”, por ser originalmente o sétimo mês do ano.

Outubro – vem do latim “octo” (oito), porque era o oitavo mês do ano.

Novembro – vem do latim “novem” (nove), pois originalmente era o nono mês.

Dezembro – proveniente do latim “decem” (dez), por ter sido o décimo mês.

Conhecendo os significados da palavra Fênix

A palavra fênix é utilizada com vários significados, conforme se vê a seguir.

1. Folclore medieval. Ave fabulosa que, após viver vários séculos, se expunha aos raios solares, que a matavam. De suas cinzas surgia um ovo, do qual nascia uma nova ave.

2. Mitologia grega. Personagem mitológico, filho de Agenor e Telefasa; foi o fundador da Fenícia.

3. Literatura. Pessoa ou coisa rara, única no seu gênero, e superior a todas as outras.

4. Botânica. Gênero de palmeiras (Phoenix), que compreende a tamareira e outras espécies ornamentais.

5. Entomologia. Nome vulgar de uma borboleta da família dos Esfingídeos.

6. Avicultura. Variedade de galo do Japão, cujas penas da cauda atingem grande comprimento.

7. Astronomia. Nome de pequena constelação austral.

8. Geografia. Nome de uma ilha do Pacífico central.

Cuidado com a pronúncia

No linguajar comum, frequentemente se observam casos de pronúncia viciosa.

Vejamos alguns exemplos, indicando as pronúncias viciosas e as corretas.

Pronúncias viciosas..... Pronúncias corretas
Efigênia.....Ifigênia

<i>degladiar</i>	digladiar
<i>entitular</i>	intitular
<i>impecilho</i>	empecilho
<i>meiados</i>	meados
<i>freiar</i>	frear
<i>prazerosamente</i>	prazerosamente
<i>próprio</i>	próprio
<i>frustado</i>	frustrado
<i>dignatário</i>	dignitário
<i>superstição</i>	superstição
<i>mendigo</i>	mendigo
<i>percalço</i>	percalço
<i>rúbrica</i>	rubrica
<i>Artemis</i>	Ártemis
<i>púdico</i>	pudico

Conhecendo alguns vícios de linguagem

1. Ambiguidade. Defeito da frase que permite duplo sentido. Exemplo: José, vi a Maria com sua irmã (irmã do José ou da Maria?).

2. Barbarismo. Uso de palavra errada quanto à pronúncia, forma ou significada. Exemplos: pégada, em vez de pega-da; impecilho, em vez de empecilho.

3. Cacófato. Palavra de sentido ridículo, resultante da sequência de termos na frase. Exemplo: a boca dela (cadela).

4. Estrangeirismo. Uso de palavras estrangeiras ainda não integradas na língua nacional. Exemplo: *shopping-center*.

5. Eco. Sequência de palavras que têm a mesma terminação. Exemplo: a flor tem cor e odor.

6. Obscuridade. Sentido obscuro ou duvidoso, decorrente do emaranhado da frase ou má colocação das palavras.

7. Pleonasma. Redundância ou uso de palavras supérfluas. Exemplos: meio ambiente, entrar para dentro.

8. Solecismo. Erro de sintaxe (concordância, regência, colocação). Exemplos: falta cinco dias, eu lhe estimo muito.

Conhecendo alguns nomes inadequados de animais

Os animais, assim como as plantas, têm um nome científico e um ou mais nomes vulgares. Os nomes vulgares nem sempre são adequados, como se pode observar nos seguintes exemplos:

1. Peixe-boi – Não é um peixe, é um mamífero aquático pertencente à ordem Sirênios.

2. Hipopótamo – Significa “cavalo do rio”, mas não tem parentesco com o cavalo, e sim com o porco.

3. Cavalo-marinho – Não é cavalo, é um peixe.



4. Cobra-de-asa – Inseto homóptero, também chamado jequitiranaboia.

5. Piolho-de-cobra – Não é piolho, é um miriápode.

6. Pepino-do-mar – Não é planta, é um animal marinho.

7. Porquinho-da-Índia – Não é porco, é um roedor, também chamado cobaia.

8. Batata – Não é tubérculo, trata-se de um peixe.

9. Macaco – Nome vulgar de vários peixes da família do namorado.

10. Leão-marinho – Não é leão, é um mamífero marinho, pertencente à ordem Pinípedes.

11. Tatuzinho – Não é tatu, é um pequeno crustáceo isópode terrestre.

12. Peixinho-de-prata – Não é peixe, é o nome pelo qual também é conhecido vulgarmente em Portugal a traça-dos-livros.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GUSTAVO JACQUES DIAS ALVIM
Cadeira no. 29 – Patrona: Laudelina Cotrim de Castro

“Seu” Álvaro e o Horóscopo” (conto)

Pode desfazer as malas, Cleonice. Desisti da viagem.

– Mas, que é isto, meu bem? Desistir agora, com tudo pronto?

Malas arrumadas. Passagem comprada. Que houve? Mudaram a data da concorrência?

– Não. O prazo para apresentação de propostas vence mesmo hoje. Eu é que resolvi não mais viajar.

– Que é isto, Alvinho – tratamento carinhoso que a esposa dispensava, na intimidade, ao marido – não perca a chance. Tivemos tanto trabalho para aprontar a papelada necessária em tempo. Depois, a viagem de avião, daqui a Brasília, é rápida e agradável. Não dá para cansar. E tem mais: lembre-se de que o Dr. Odilon afirmou que os nossos preços são os mais favoráveis. É a palavra de um grande economista, que entende do riscado. Vale a pena mais um derradeiro esforço!

– Já decidi que não irei. O horóscopo, para hoje, dos nascidos sob o signo do Leão, não favorece as viagens. Foi o que li há pouco no jornal e não vou cair na asneira de contrariar os astros. Como não há ninguém em condições de me substituir, prefiro perder os possíveis novecentos mil reais da concorrência, a perder, por exemplo, a vida num desastre. Tenho ou não razão?!

★ ★ ★

– “Ei, você aí, me dá um dinheiro aí ...”

“Seu” Álvaro levantou-se cantando, hoje. Cantando, assobiando, rindo com os menores incidentes, fazendo blague com tudo, bem como divertidos trocadilhos. Fez a costumeira

ginástica sueca, como se fosse o homem mais feliz e mais saudável do planeta. Sentia-se o próprio Atlas, com o globo terrestre sobre os ombros. Contudo, ao ler o jornal, transmudou-se. Trancou os dentes e carregou o semblante. Uma dorzinha de cabeça foi tomando conta dele, até dominá-lo por inteiro. Perdeu o ânimo para o trabalho.

Avisou o gerente da sua área de negócios que não estava passando bem e voltou para a cama.

Que sucedera? Muito simples. Leia comigo: “Leão – os nascidos sob esse signo deverão ter o máximo cuidado com seu físico. Dores poderão advir, tais como cefaleia, enxaquecas, câibras e outras mais sérias. Indisposição orgânica generalizada. Não abuse: todo cuidado é pouco”.

Era o bastante para suggestionar o “Seu” Álvaro e fazê-lo perder o dia.

* * *

Cenas como essas duas eram comuns na casa dele. Repetiam-se a toda hora, variando apenas as circunstâncias. O motivo era um só: o horóscopo, seu oráculo insubstituível. Não iniciava o dia sem consultá-lo – verdadeiro culto que prestava ao seu deus e ao qual obedecia sem tergiversar. Fazia dos horocopistas, sacerdotes, e dos astros, os seus deuses e santos. Por meio da sideração, adorava os corpos celestes, tal como os indígenas que Cabral encontrou nas costas da Terra de Santa Cruz. De acordo com eles, o “Seu” Álvaro procurava controlar, além dos seus atos, também os da sua esposa, dona Cleonice, e os de seus dois filhos, que, diga-se de passagem, não gostavam da mania doentia do esposo e pai. Respeitavam-no, porém, como chefe da casa, procurando atendê-lo quando possível, outras vezes aparentando fazer-lhe os caprichos, e, ainda, fechando no íntimo as convicções pessoais.

O “Seu”. Álvaro até que não era mau sujeito. Ao contrário: bom para os filhos, carinhoso para com a esposa, dava-lhes o conforto que podia, como homem da classe média. Seu pão cotidiano era fruto das atividades de uma tipografia, da qual era proprietário bastante zeloso.

Em meio ao barulho enervante e monótono das máquinas impressoras, atendia pessoalmente os pedidos dos fregueses e fiscalizava o trabalho de seus empregados, chamando-lhes a atenção quando necessário ou ajudando-os quando em dificuldades com algum detalhe técnico.

Para estes mostrava-se estranho em certas ocasiões. Calmo, quando tudo ia mal, nervoso em situações de tranquilidade, tomando resoluções absurdas e inexplicáveis após esforços ingentes para conseguir fim adverso – haja vista o caso da concorrência do governo federal, que contei inicialmente –, mal sabiam seus subordinados que tudo isso era causado por influências sidéricas, resumidas na sua consulta diária e obediência cega ao horóscopo.

Certo dia, um dos primeiros de dezembro, surge em sua tipografia, já então mais movimentada com o aproximar do fim do ano, um homem a solicitar-lhe a impressão de um almanaque. Do tipo destes que as farmácias e laboratórios farmacêuticos distribuem aos “amigos e fregueses” como brinde, por ocasião das festas. Quem já não os recebeu em qualquer botica, ou mesmo, não os pediu com insistência? Até que são bem agradáveis. Trazem passatempos, quebra-cabeças, piadas, conselhos úteis, frases e pensamentos célebres, calendário e horóscopo, curiosidades, instruções de como tirar manchas, orientação para lavradores, etc.

O “Seu” Álvaro tomou nas mãos os originais, verificou a paginação, tipo de papel, tamanho, tudo muito rapidamente e por alto. Não tinha tempo para um exame mais meticuloso. Parecia-lhe tudo em perfeita ordem. Se não estivesse, depois telefonaria para o laboratório, solicitando maiores explicações. Combinado o prazo de entrega e o preço, o freguês se despediu, recomendando um servicinho caprichado.

Colocados os originais na pasta das encomendas, o “Seu” Álvaro voltou para sua faina diária.

Os dias forma correndo, um após outro. Os serviços da tipografia, cada vez mais volumosos (cartões de boas festas, convites de formaturas e outros impressos próprios de dezem-

bro) começaram a exigir horas extraordinárias de trabalho.

Numa destas noites extras de atividade chega a hora de compor o almanaque. Auxiliando efetivamente seus empregados, o proprietário resolveu ir adiantando o expediente. Tomou as provas para fazer a paginação.

Em folhas brancas, previamente riscadas nas dimensões exatas, foi colocando as tiras de matéria composta, recontando-as cuidadosamente, determinando os tipos a serem usados nos títulos. Caixa alta aqui, caixa baixa ali, e assim por diante. Grifo neste sub-título, negrito naquele, tipo 10, tipo 14, etc.

Empregava na tarefa todos os seus conhecimentos técnicos e dons artísticos para que o almanaque agradasse ao leitor. Preocupava-se obviamente em dar destaque especial ao horóscopo, como que colocando seu santo devoto em nicho digno. Mas ao tentar fazê-lo, encontra uma falha ou lapso do fregruês: ele esquecera-se de determinar o mês, ou melhor, o período astral a que se referia cada um dos 12 horóscopos entregues. Se pelo menos tivesse assinalado o signo, estaria resolvida a dificuldade. Nada havia que os identificasse.

O “Seu” Álvaro não pode concluir o “espelho”, naquela noite. Fez o possível, deixando em claro o lugar para os horóscopos, pensando obter reparação do lapso, na manhã seguinte, telefonicamente.

“Alô, é do 3655-1843? Aqui é da Tipografia Júpiter. O Abílio está?”

– “Sim. Um momentinho: vou chamá-lo.”

– “Pronto. É o Abílio quem está falando.”

– “Senhor Abílio, bom dia; aqui é o dono da Tipografia Júpiter. Paginei, ontem, à noite, o almanaque encomendado pelo senhor, mas não pude terminá-lo, pois devido a um lapso de sua parte, não ficaram determinados os períodos a que pertencem cada um dos 12 horóscopos. Será que o senhor pode passar por aqui, hoje, para identificá-los?”

– “Não é preciso, Nem se preocupe com isso. Distribua-os à sua vontade. Esse negócio de horóscopo a gente faz e publica para tapear os ingênuos...”

– “Está bem, Abílio. Darei conta do recado. Não há dúvida de que o mundo está cheio de ingênuos e crédulos. Nem havia pensado nisso...”

O “Seu”. Álvaro desligou o telefone, pensativamente, deixando-o cair no chão, enquanto via ruir também, fragorosamente, as tênues e frágeis bases, sobre as quais, como ingênuo tapeado ou crédulo explorado, construía sua vida!

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA IVANA MARIA FRANÇA DE NEGRI

Cadeira n° 33 – Patrono: Fernando Ferraz de Arruda

Amor sem medidas!

Nunca vi amor tão imensurável, sem nexo e desprendido. Um amor que não tem fim!

Raquel de Queiroz soube expressar com exatidão esse amor em sua crônica “A arte de ser avó”. Com sábias e bem colocadas palavras, ela diz exatamente o que acontece a uma mulher quando fica avó.

Amor de mãe é sublime, mas amor de avó é elevado à décima potência, com juro e correção! Não é preciso mais a responsabilidade de educar e a ordem é jamais castigar! Disciplina rígida é deixada de lado, todas as artes e a bagunça são perdoadas. Mimar é preciso...

A cumplicidade existe e é denunciada apenas por um olhar. Netos são a vitamina que revigora os avós!

O tempo, na época dos filhos, tão escasso, agora é para brincar, contar histórias, dar conselhos e passear. Quando mães, existia muita insegurança, já que filhos não vem com manual de instruções, principalmente quando ficavam doentes. Já a avó, pelas experiências vividas, sabe administrar melhor as febres, dores de garganta ou as cólicas do bebê.

O amor estocado, no hiato de tempo em que os filhos se tornaram adultos, com seus próprios problemas e vida agitada, explode com a chegada dos netos!

Pequenas alegrias do dia a dia se tornam oásis de felicidade intermináveis. Uma borboleta colorida pousada numa flor, um filme no cinema com muita pipoca, um filhote de passarinho em seu ninho descoberto no jardim, nuvens que

formam figuras bizarras no céu, balões que sobem, levando sonhos ao léu, vistos da sacada. Tudo é motivo para extasiarem-se, netos e avós.

Com o passar dos anos, os avós se tornam sábios. Nenhuma pergunta fica sem resposta, mesmo que seja uma invenção fantasiosa que satisfaça os pequenos.

Certa vez, uma criança escreveu que avós são os únicos adultos que sempre tem tempo!

Paredes rabiscadas, sofás melados de doce, comer na sala vendo TV, bibelôs trincados, enfeites quebrados, brinquedos espalhados pelo chão, não são motivo de brigas e nem de repreensão. Nada que uma cola, uma esponja ou uma vassoura não resolvam.

Se ser mãe é padecer no paraíso, ser avó é, com certeza, ser imensamente feliz no paraíso!

O lema das avós é amar, amar e amar! Parodiando Santo Agostinho: "A medida do amor é amar sem medidas!"

Transmutação

Oh pedra bruta,
inerte, que não me escutas...
Qual será teu destino?
Lapidada, adornando um belo colo feminino?...
Ou serás a fria lápide sepulcral
acompanhando um corpo ao seu destino final?...
Terás a infelicidade de ser pedra certa
quando a vida de um pássaro, na mira de uma atiradeira?...
Terás a alegria de seres moldada numa estatueta
de um menino perfeito e feição cândida
dentro das paredes de um lar feliz
quando o mundo das máquinas com o Ausch
Tu ainda não podes pensar...
Tua alma até agora dormita
em doce paz infinita.
Mas fazes parte de um Universo em contínua mutação,
e o sopro divino, em constante ação,
um dia vai te acordar...



COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO JOÃO UMBERTO NASSIF
Cadeira n° 35 – Patrono: Prudente José de Moraes Barros

Naqueles tempos...

O fato é verídico, por motivos óbvios troquei os nomes dos protagonistas.

Tudo se passa na década de 50. Nagib é um simpático imigrante libanês que com o dinheiro apurado com muito trabalho adquiriu uma área de terras próxima a cidade de Piracicaba. Naquela época era mais fácil adquirir terras em zonas rurais, havia um êxodo para as cidades.

Além de cultivar cana-de-açúcar, Nagib tinha um pequeno engenho de açúcar, tudo muito rústico.

Diariamente ele assumia o volante de um pequeno caminhão que sacolejava como uma bateadeira. Ia estrada afora, comendo a poeira da estrada esburacada, que só recebia uma manutenção precária nas vésperas de alguma eleição.

A péssima estrada e a falta de manutenção deterioraram o veículo lentamente. O que importava a seu dono era chegar ao seu destino.

Rubens tinha sido designado para patrulhar aquela estrada, com seu garboso uniforme, metais polidos, botas lustradas, era um exemplo de postura militar.

Quando ouviu o ronco do caminhão que se aproximava, postou-se diante da estrada e fez o tradicional sinal para que o condutor parasse o veículo.

Nagib, como bom cidadão, encostou o caminhão, desceu e aí começou o seu calvário.

Documentos! Pediu o soldado. Nagib os entregou após uma longa procura nos bolsos da calça. Todos os documentos vencidos.

Rubens começou a inspeção “daquilo” que um dia

fora um caminhão. As lanternas traseiras quebradas, lâmpadas que já não acendiam mais, enfim pouco a pouco foi preenchendo um bloco de irregularidades. Como consequência o montante das multas quase ultrapassavam o valor do veículo. Desesperado Nagib contou toda a sua situação, a queda do preço do açúcar, a safra de cana que tinha sido fraca, as despesas superavam a receita. Tentou sensibilizar o guarda. Não obtendo sucesso, disse que teria o prazer em pagar um café ao vigilante se o mesmo o liberasse daquelas pesadas sanções.

O militar ficou frio como uma pedra de gelo, seu rosto corou, estava ouvindo o que considerava uma das mais vergonhosas atitudes: tentativa de suborno.

— Senhor Nagib, o senhor está preso! Vamos para a delegacia!

Atordoado com a notícia nada restou ao pobre homem do que acompanhar o guarda até a única delegacia existente na cidade, ali na Rua São José.

O delegado, único na cidade, era Dr. Arnaldo, homem de físico avantajado, rosto com traços que pareciam esculpidos em pedra. Tinha cabelos ondulados. Voz grave. Era um delegado que impunha respeito e até mesmo certo temor só com a sua presença.

Rubens entrou na sala do delegado acompanhado de Nagib. Explicou o caso.

Após a longa explanação, Dr. Arnaldo virou-se para o guarda Rubens e pediu que o deixasse a sós com Nagib.

— Quer dizer que o senhor tentou subornar a autoridade policial? Perguntou de forma ríspida o delegado.

Nagib, disse-lhe com toda a sua dificuldade de falar o português.

Doutor, eu não sei o que é subornar!

Percebendo que o homem estava sendo sincero, o delegado resolveu dizer-lhe com todas as letras.

— O senhor tentou comprar o guarda!

Com seu raciocínio rápido Nagib respondeu:

—Eu comprar guarda doutor? O que vou fazer com guarda? Não tenho estrada para ele olhar!

A resposta foi tão inusitada e cômica que o delegado estourou em uma sonora gargalhada! Riu até não mais poder. Liberou o pobre homem, que aos poucos progrediu na vida, e passou a ter condições de adquirir um veículo em boas condições e documentação conforme manda a lei.

A partir daquele dia ambos tornaram-se grandes amigos, o delegado apreciava a cozinha libanesa e às vezes ia saborear os deliciosos pratos que Dona Sarah fazia com muito esmero.

Removido para Guarulhos, sempre que podia vinha a Piracicaba visitar o compadre Nagib, já que tinha até sido padrinho de Salinzinho, primogênito de Nagib.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA LEDA COLETTI
Cadeira n° 36 – Patrona: Olívia Bianco

Raios de Sol

Lendo um conto que falava sobre homenagem ao dia do professor, lembrei-me de cenas pessoais passadas no ambiente escolar.

Tal como o escritor que se dizia de família de sitiantes, eu também chegara naquele ano à cidade grande. Meus pais, principalmente minha mãe não eram ligados à vida social urbana. Eu cursava a escola particular da cidade, dirigida por freiras. As colegas eram filhas de pais com profissões liberais, diferentes das de meu pai que era lavrador. Naquele tempo, as diferenças sociais eram acentuadas. Pois bem, lembro-me que, quando pedi para minha mãe comprar uma lembrança para a professora, ela se negou, dizendo que não sabia o gosto da mesma, bem como achava tudo aquilo, uma bobagem. “Vale muito mais você levar flores, do que algo material e de uso pessoal”. Por esta razão, meu primeiro presente à professora foi um buquê de margaridas brancas, colhidas no nosso jardim. Como o menino do conto, envergonhado em oferecer ovos caipiras para a professora, eu também fiquei ao entregar-lhe um buquê de flores, pois esse presente ela recebia diariamente dos alunos. A mestra recebeu com carinho, mas, sinceramente tenho minhas dúvidas se ela gostou.

Talvez seja por isso que me emociono ao evocar passagens com duas alunas das séries iniciais, quando diretora de escola de periferia. Ambas muito pobres; uma delas possuía dois outros irmãos, que também estudavam no mesmo período e, segundo os professores eram carentes de afeto. Seus pais eram separados e eles moravam com o progenitor.

Essas garotas diariamente me ofereciam flores amare-

las colhidas no campo de futebol, situado à frente do estabelecimento. Era o ritual diário que as fazia felizes e a mim também. Recebi-as como rainhas e, assim me sentia ao vê-las enfeitando os vasos da sala modesta, como se fosse para a mais bela festa!

Às vezes reflito sobre essas situações escolares. Tão singelas, mas tinham um significado especial indefinível! Eram aqueles momentos que me gratificavam no difícil mister de dirigir uma instituição. Essas meigas meninas deixavam escapar um raiozinho de ternura, que me incentivava para a luta diária

Lembranças do tempo de escola (Poesia homônima à crônica Raios de Sol)

Eram duas meninas
alunas mui franzinas
flores tão orvalhadas,
singelas, perfumadas!
Tinham muita carência
e, na pura inocência
colhiam com carinho
no isolado pastinho,
lindo buquê dourado
que a mim era ofertado.
Tudo virava festa
na sala tão modesta!
Essa imagem mimosa
tão suave, igual à rosa,
terna felicidade,
traz à tona saudade
da minha profissão.
Tão doce evocação,
faz bem ao coração!

O Semeador

O semeador está sempre buscando
promover vida, só clara alvorada,
ao trabalhar o solo, eliminando
as pragas, que atrapalham a jornada

Nas terras pedregosas, dominando
aridez, a colheita não dá nada.
Nos espinhos, o mato se alastrando
sufoca, causa danos à empreitada.

As sementes caindo em bom terreno
reproduzem dez, cem, milhões a mais
fazem surgir celeiros de fartura.

Constrói-se assim futuro mais ameno,
sem fome, sem miséria, dor jamais,
reinando então amor, paz, só ventura!

O Vazio

Podemos interpretar de diferentes modos a palavra vazio, quer como substantivo, quer como adjetivo.

Há o vazio, quando se descreve um ambiente sem qualquer vestígio material, quase sinônimo de nudez. Já o do interior humano mostra nuances de comportamento indefiníveis.

Costuma-se usar a expressão – vazio da alma – ao sentimento que surge após a perda de um ente querido. Realmente, a sensação é de algo quebrado dentro de nós. Chega-se a pensar que jamais o pedaço será preenchido de modo satisfatório. Só o tempo é que ameniza essa lacuna.

Também existe o vazio necessário, como ponto de parti-

da. Geralmente vem com facetas otimistas e até criativas. É o caso do poeta, que ao ver à frente uma página vazia, utiliza-se dela e, com um lápis ou caneta a transforma num rendilhado de lindos versos. Atualmente é de grande valia para tal fim, o visor em branco do computador. E o que dizer do pintor? Pintar uma tela é encher o vazio de inspiração. Dela surgem as mais expressivas paisagens, retratos, cenas campestres e urbanas.

Dependerá pois da situação, o vazio nos tornar aniquilados ou exultantes, derrotados ou vencedores. Como na roda da vida!

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO HONORÁRIO LINO VITTI
(in memoriam)

Tarde piracicabana

Entardecer. Tremeluzindo de ânsia
Vai se apagando a luz nas claraboias.
E as serras espichadas a distância
São monstras e graníticas jiboias.

Nuvens feitas de rútila substância
Navegando no céu são grandes boias.
Vêm-nos, então, recordações da infância
Que nossa alma guardava como joias.

Refresca. Vem de longe, vagamente,
O soturno rumor do salto enorme.
A brisa, de mansinho, passa o pente.

Nos canaviais longínquos... Uniforme
Desce a sombra... e a cidade, lentamente.
Põe vigias elétricas... e dorme.

Ser ou não ser poeta

Dizia o teatrólogo inglês: ser ou não ser, eis a questão. Peça-lhe permissão entretanto para acrescentar à sua célebre frase o substantivo poeta e assim dizer: ser ou não ser poeta, eis a questão. É, porque no mundo a alternativa é essa: ou se é ou não se é poeta, porque não há meio termo, metade poeta; metade, não.

A poesia integra o homem, nasce com ele, vive-lhe pespegada na alma, muitas vezes se manifesta, se corporifica, se materializa em palavras e aí temos o poeta, a dizer poesia - essa borboleta colorida e esvoaçante que sai do casulo da sua inteligência criadora, voa feliz, voa brilhante, voa inquieta e linda pousando em cada pessoa, para deixar-lhe o perfume de um verso, de uma estrofe, de uma rima, de um poema.

E porque a poesia é divina e eterna, ela vem dos arcanos do céu, traz melodias angélicas, vem sonorizada pela bênção de Deus, e o poeta se toma assim um mensageiro entre o celestial e o terreno, trazendo do alto infinito para o chão em que rasteja o homem a paradisíaca mensagem da poesia.

Ora, vinda dessa fonte sublime a poesia há de integrar, como acima disse, no ser humano, profunda, bela, alegre, maravilhosa, consoladora, pois traz de origem todas essas generosas qualidades e sequiosa é sempre de embelezar a vida, dignificar o homem, iluminar as mentes, espalhar a aleluia dos sentimentos nobres e cordiais. Por isso, ela é musical, ela canta, ela é feita de hinos, ela é sinfonia, ela é luz.

O universo é o grande poema do Criador. Quando Ele criou o mundo e o homem e a mulher, estava decerto escrevendo esse poema sublime que é a vida, que é o céu, que é a terra, que é o homem, que são as aves, que são os animais, que são as águas, que são as montanhas, que são as chuvas, que são os rios, que são as florestas, que são os amores, que são a Fé, a Esperança e a Caridade.

E como colaborador dessa obra fantástica e bela. Deus criou o poeta, deu-lhe a beleza das rimas, o encanto das estrofes, o esplendor do verso, a glória do poema. E o poeta não decepcionou o Poeta Maior que o presenteou. E como bom filho, fez da vida uma doce poesia, fez dos sonhos um peregrino prazer, cantou, cantou, desde o inseto ao elefante, desde a planície à montanha, em água e fogo, em rimas ou sem rimas, florindo e frutificando, ora a sorrir, ora em lágrimas, ora feliz ora sofredor.

E chamou a todos os seus amigos do universo a participarem de sua poesia, a beberem dessa taça transbordante de encantos e ideias, a se saciarem com o belo, com o maravilhoso, com a felicidade, a ventura e a aventura. E o poeta se fez representante do Grande Poeta Criador, e passou a espalhar pelo mundo, em forma de estrofe, de poema, de poesia enfim, todas as belezas do Céu e da Terra, pois que Céu e Terra são a poesia com que Deus nos premiou. Piracicaba é feliz, pois o Sábio e Eterno Poeta Criador lhe enviou muitos poetas e poetisas, para que seja levada à glória da imortalidade pelo amor azul da Poesia.

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARIA HELENA VIEIRA
AGUIAR CORAZZA**

Cadeira n° 3 – Patrono: Luiz de Queiroz

Mãe não passa...

Mais um Dia das Mães passou... Neste mundo, tudo passa... Passam os dias e as noites passam as semanas, os meses e os anos velozmente passam as alegrias e as tristezas, passa o sol, o luar e passa a chuva, o calor e o frio. Os amores e as decepções também passam, os sorrisos e as lágrimas... Passam as dores, assim como passam as doenças, as esperas, as separações e perdas, também passam as tragédias, as ansiedades e os temores desta vida... Nesta vida, tudo passa!

Neste mundo tudo passa também! Só Mãe é que não passa... Mãe fica dentro. Mãe é de dentro para fora, Mãe é força que nada diminui viga que sustenta e apoia tatuagem que penetra na pele e não tem como tirar. Mãe é coisa de concepção, carne e sangue, coisa de espírito e de alma, de cerne que nada modifica e não adianta tentar... Mãe é essa loucura de sempre se lembrar!

Mãe nunca sai do pensamento, ela pode até perder a noção, a memória e a razão de existir, pode perder a saúde e o equilíbrio do andar, a luminosidade do seu olhar e o sentido das coisas, ela pode perder. Mãe pode ficar longe e pode até morrer, partir de nós, ir embora da terra e do convívio, do encontro, do abraço ou do beijo carinhoso que, assim mesmo, ela não passa.

E, que falar então da sua ternura e seu deslumbramento, que só ela sabe como oferecer? Suas renunciadas e sublimações, sua eterna dedicação desprendida, nada de interesse, só doação...

Mãe é marca registrada que deixa “vestígio de eternidade” como disse uma vez nosso grande poeta Drummond...

Mãe, a gente tem e, não tem jeito mais de não ter tido.

Muito bom ter Mãe! Muito ruim não a ter mais... Muito bom usufruir, conviver, muito bom lembrar... Impossível esquecer! Como não lembrar aquele colo quentinho emoldurado das lindas canções de ninar? Como esquecer as lembranças e os cuidados desvelados, seu carinho ao aconchegar, agasalhar ou embalar aquele bebê que a gente era e continua criança toda a vez que dela lembrar?

Recordações de vê-la esperando ansiosa na porta da escola ou acompanhando em tantas situações do desenrolar do tempo com aquele sorriso acolhedor e encantado que fazia crer que seu filho era o maior protagonista da história que poderia existir!

Decididamente, “Mãe não passa”! Mãe quase compete com Deus quando concebe a Vida que Ele, Todo Poderoso, comovido e orgulhoso reconhece nela, esse poder de Amar tão grande que somente uma Mãe sabe sentir!

Não tem jeito. Assunto encerrado. “Mãe não passa”. Mãe é coisa eterna, que mora dentro do coração!

“Tempo com amigas”

Hoje quero repassar para minhas leitoras (e leitores também), um texto muito interessante que acho, muitas mulheres gostarão de saber. Trata-se de uma palestra sobre saúde de um professor da Universidade de Stanford que dissertou entre outros assuntos que, uma das melhores coisas que um homem pode fazer por sua saúde é se casar. Ele prova que o casamento aumenta a longevidade e o bem-estar do homem e, quando foi perguntado sobre a saúde da mulher o palestrante surpreendeu a plateia dizendo mais ou menos isso: “Para ela, além do casamento, a mulher precisa cultivar e aperfeiçoar mais seus relacionamentos (pasmem!), com as “Amigas”!” Apesar dos risos provocados, o professor levou o fato muito a sério devido estudos

que comprovam que as mulheres se conectam diferentemente dos homens e que se ajudam a lidar com experiências estressantes e difíceis (talvez por serem entre outras múltiplas tarefas, as “fazedoras das vidas” (e, essa diferença é só para começar...).

Ter “tempo com amigas” significa muito no nível fisiológico, pois ajuda a produzir mais serotonina, até para combater a depressão criando um estado de bem-estar onde elas compartilham seus sentimentos diferentes dos homens que, pouco se abrem e derivam as suas conversas geralmente para os negócios, trabalhos, esportes, carros, mulheres, etc. Dos seus sentimentos falam raramente, já as mulheres falam disso toda a vida, compartilhando sentimentos e emoções do mais profundo de suas almas e isso realmente contribui para a sua própria saúde.

O palestrante acrescentou que o “tempo gasto entre elas é tão importante para a sua saúde como correr ou fazer ginástica”. Ele prova que, ao pensar que quando nos envolvemos com alguma atividade física estamos fazendo algo de bom para o nosso corpo enquanto conversamos com as amigas “desperdiçamos” nosso tempo... Nada disso! O orador chegou até dizer que, não manter relacionamentos de qualidade com outras pessoas prejudica a saúde tanto como o “fumo”! Então, concluindo repetiu: “Cada vez que as mulheres sentam para conversar estão fazendo algo muito benéfico para a sua saúde”.

O professor termina afirmando que: “Um dia, todos nós amigos iremos nos separar e sentiremos falta de todas as conversas jogadas fora e dos sonhos que tivemos”. “Os dias vão passar meses, anos, até esse contato se tornar cada vez mais raro e, um dia nossos filhos verão aquelas fotos e perguntarão: ‘Quem são essas pessoas’?” “A saudade vai bater forte e com os olhos cheios de lágrimas eu direi: ‘Foi com eles que eu vivi os melhores momentos da minha vida’”.

Então amigas do mundo todo, mãos à obra com mais encontros, assuntos, conversas, risadas, confidências... Afinal o tempo passa tão depressa e é com “pressa” que precisamos “colocar nossas prosas em dia” para o nosso bem e até da própria Humanidade...

Declaração de amor à minha Terra

Eu te amei Piracicaba, desde os primeiros acordes da minha razão, desde os primeiros vislumbres do meu olhar encantado e estarecido, desde as primeiras palavras de amor que consegui balbuciar.

Amei teus caminhos antes de pó ou de pedra, depois nas ruas e avenidas asfaltadas floridas de flamboyant, de ipês de tantas cores explodidas maravilhadadas nesse chão de perfumes de delícias a comover os passantes embriagados de tanta formosura e encantos incontáveis... Amei os verdes de tuas árvores, as pequeninas e as frondosas, cujos galhos sempre foram um convite ao repouso e a vontade de não mais deixar de olhar... Amei teu rio, que acariciando o seu curso sempre foi um amante apaixonado e inebriado derramando seu amor nas tuas margens sedutoras e insaciáveis...

Desde o primeiro momento da minha razão te amei, Piracicaba, e te amei em alto e bom som, quieta ou ensolarada em tuas manhãs de deliciosa magnitude, ou barulhenta em teus sons e tuas canções, sem medo de gritar ao mundo este amor transbordante de ternura e de paz incontáveis...

Eu te amei Piracicaba, desde o primeiro instante da minha razão! Como uma linda brincadeira quando criança, nas "amarelinhas", ou no "passa anel", no "pega-pega" ou "pulando corda..." Depois, te amei com tanta loucura quando mulher, e, te amei sorrindo, chorando, buscando, morrendo... Nos sorrisos extasiados pelos filhos que vieram trazendo a alegria louca do renovar a cada instante... Te amei nas lágrimas que surgiram e nas perdas que torturaram e machucaram, mas, que não foram as vencedoras neste meu mundo que é tão teu e tão engrandecidamente majestoso... Te amei tantas vezes nas solidões que velavam o sofrimento que teimoso queria ganhar as batalhas de qualquer jeito, mas que jamais conseguiu... E... Te amei, Piracicaba morrendo, se preciso fosse para continuar a viver em ti e por ti, assim, apaixonadamente... E,

muito mais do que isso, o meu amor não está “esgotado” pelo tempo, pelo contrário é um amor que se renova e que revive mágico, grandioso e encantado, perdido em seus controles, e, por isso, sem poder nem imaginar onde possa chegar ainda...

Apenas sinto que te amei tranquilamente, compridamente, horizontalmente e sem fim de um algo sem começo, sem hermetismo nem formas formadas, normalmente e muito... E tanto... Tanto! E, te amei longe ou perto, feliz ou infeliz, com graça e na desgraça... Te amei, te amo e te amarei para todo o sempre, terra de meus antepassados e do meu lar, dos que vieram de mim e irão continuar essa trajetória de respeito, admiração e deslumbramento que sempre senti por ti, minha terra tão abençoada!

E, quero assim, declarando o meu grande amor por ti, Piracicaba, cantar as emoções coloridas que trazes latentes em teu peito, e, te convidar a ser a minha enorme e infinita paixão por toda a eternidade!

Falta “Deus”!

Não adianta procurar outros argumentos. O mal de tudo hoje é a “falta de Deus”!

Estamos vivendo num mundo de loucos, insensíveis aos afetos, devoradores de indecências e insensatez nos comportamentos duvidosos, nas modas desleixadas, não só das vestimentas, mas nos palavreados, conceitos e gestos também, enfim, nos valores esquecidos, mutilados, vilipendiados, vencidos ou já destruídos!

Atualmente existe um congestionamento de vândalos na ordem dos costumes, a começar pelos altos escalões que, pelo amor de Deus não adianta mais comentar! Catastrófico! Gozadores das normas, debochadores do respeito e das verdades, competidores arfantes dos maus hábitos e do desinteresse por tudo o que sejam virtudes e sérios comprometimentos com a Vida!

Um tapar de ouvidos pelas leis! Uma anestesia geral! Juventude liberada, um balançar de ombros aos comandos da saúde, vícios e vandalismos... Difícil de julgar e criticar, com tanta dificuldade espalhada pelos caminhos das injustiças sociais e morais, cuja assistência não vem de onde precisaria vir! “E, num medo de ser tachado “antigo”, (sendo antiga pelo próprio passar do tempo...), o mínimo que me envolve num grito que só o Criador poderá responder diante de tanto descalabro é: “Será que o que está faltando neste mundo, não é Deus”? Será que esse deixa pra lá nos diversos contatos não é alguma força que existe e que não é invocada nem aproveitada para que todos se sentissem mais protegidos e consequentemente mais felizes? Será que não é falta de Fé e de oração, de dobrar os joelhos, de religiosidade, cada qual na sua que seja? Será que, não só os pais, professores e conviventes não queriam ser mais ouvidos e respeitados e, os filhos, os alunos e amigos, mais cuidados, mais aceitos e mais amados também?

Quem está tomando à frente a ordem das coisas afinal, e percebendo que todo esse desatino, desamor, liberalidade e libertinagem que estão invadindo tudo precisaria pelo menos ter seres humanos de raça, de brio e de coragem que direcionassem as deformidades e transtornos, com mais capacidade e competência?

Do jeito que as coisas caminham, minha gente, só Deus! Da forma que as coisas andam se conduzindo, se deteriorando, se envenenando, se amesquinhando e se “desonestizando”, só Deus!

Daí entender que, do jeito que está, além do Brasil, mas, desgraçadamente de toda a Humanidade, sem rumo, sem rédeas, sem leis e sem controle, ou se apela para a reforma do Homem e da reorganização dos pensamentos, dos comportamentos e sentimentos entre os semelhantes colocando Deus (repetindo de propósito...) seriamente em nossas vidas, mesmo porque se grandes atitudes não forem tomadas, não será possível saber onde este mundo irá parar!

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARISA AMÁBILE FILLET
BUELONI**

Cadeira n° 32 – Patrono: Thales Castanho de Andrade

Pela vida afora

Enquanto a vida urge, inspira-me a poesia do cotidiano, aquela que insiste em habitar nossa alma. Sobretudo nestes tempos de violência. Quantas mortes, meu Deus. A poesia vem estancar parte deste sangue que rega a terra, cumprindo um papel dos mais dignos diante de tantas atrocidades.

Terá a poesia o dom de parar as guerras, os ataques terroristas, as mortes de tantos inocentes? Terá força para impedir que naufraguem os barcos de refugiados? Não sei. Mas lanço ao universo a humildade do meu verso.

Então, o verso pede que parem. Parem todos! Os que vão a pé, solitários, carregando suas pastas, parem. Os que se espremem dentro do lotação, desçam e parem. As filas intermináveis de carros, parem!

Parem! Detenham os aviões, fechem os portos, suspendam a venda de cigarros e de bebidas. Parem! O que está no campo, volte logo para casa e o que está dentro de casa não saia. Peço a todos que parem! Pelo amor de Deus, eu imploro, parem. E venham ver a rosa branca desabrochar...

Neste prenúncio de inverno, que acho sempre tão poético, um rumor de inspirações me leva para muito longe. Por isso, há dias em que penso voar. Hoje voei. Não voei mais porque não quis. Subi até onde sou aprendiz. A terra era um ponto no infinito azul. E lá do alto, eu vi Cabul. Hoje voei.

No êxtase da subida, pergunto se serei elevada às alturas por dois elevadores. E se haverá um beijo apressado de um anjo pelos corredores. Lá no alto da torre, serei Íca-

ro, serei Eros, o astro que, dizem, irá colidir com a Terra e enchê-la de calores.

Minha alma tremerá no fragor da colisão. O solo se abrirá nas gretas da fundição. Ó abalo sísmico esperado! Faz tantos anos que espero a bela devastação. Vem, Eros, que te quero, que te quero, dentro do meu coração.

Repasso aqui a antiga poesia do encantamento. Algo simples e devotado, como a prece diária. Minha pobre poesia é pé no chão, taipa de fogão à lenha, leite tirado da vaca, sonho que se ordenha. É cheiro de grama orvalhada, som de trovoadas, pulo do sapo na relva, vida renovada. Roupa de algodão, chinelinho rasteiro, dor no coração, pombos no viveiro.

Pois saibam os senhores que versos sentem dores e estou aqui na voragem da vida, rimando sofrida. Minha poesia paulista tem som de viola caipira, repica numa ciranda, roda de dança catira. Minha poesia é pobreza, é sandália franciscana, tem cheiro de café, arroubo de fé e gosto de cana.

Meu poema pobrezinho não tem um vintém, não conhece ninguém, é sozinho. Vive de migalhas, de palavras contidas, veste-se de tralhas, das horas batidas. Meu pobre poema não possui esquema, nem estratagema, nem do ovo a gema. Solitário, canta as tristes cantigas, varre o chão de pedras, deita-se em urtigas.

Meu poema pobre, sem linhagem nobre, não faz feio: vai levando a vida como ao mundo veio. Se me envergonho? Nada! Até componho qualquer um versinho: vou pelo caminho, brada o meu poema, geme o meu pinho. Meu poema chora pela vida afora, altivo percorre as frases solares e rima festivo, solto pelos ares...



Sino ou Tambor?

Meu coração pequenino,
num átimo de temor,
ouve o badalo de um sino
– um sino ou um tambor?

Seria o rufar do destino,
a luta, o desatino,
o som confuso da dor?

Tambor ou sino, sino ou tambor?
Que som é esse, Senhor?

Badala o sino grandioso,
troia o tambor furioso
– são anjos justiceiros, suponho, em terror.
Trazem as taças divinas,
abrem os livros lacrados,
vestem-se de dourados,
que terrível, que esplendor!

Que dias, que dias!
Ao som destas melodias,
batidas no bronze
e no surdo das algaravias.
Desperta minha alma curiosa,
desperta uma rosa.

Dorme, flor jardineira,
que a Hora não é chegada.
Não é dia ainda, é madrugada.

Dorme, rosa do tempo
e deixa que rufem tambores,
que sonhem os sonhadores,
que sinos badalem, eloquentes.
Cuida, rosa querida,
que despertem as gentes.

Meu coração pequenino,
às vezes, ouve um sino,
que badala nas alturas,
que se ouve nas lonjuras,
pentagrama de ternuras,
– ah, que sino, Senhor!

Meu coração pequenino,
às vezes, ouve um tambor,
que soa como um estrondo,
que bate um bumbo redondo
e para ele respondo:
– Eis! Vem chegando o Amor!



Carta para um príncipe

Campestre, setembro de 2010.

Vai chegar a primavera. O Reino está atento?

Um hálito de frescor percorre a Terra. A vida cumpre um ciclo. Somos cíclicos, como as flores. Tangida pela dor, já dei 60 voltas em torno do Sol. Consta que Vossa Alteza também. Veja só, a gente em órbita, assim, em torno do Astro-rei esse tempo todo. Sessenta voltas – e eu nem percebi.

Nada disso importa, diante do acontecido. Nada aconteceu, fique sossegado – além do fato astronômico. No entanto, que acontecimento retumbante! Que grata revelação saber desta estima, deste apreço, deste sentimento. Meu coração dispara e se curva ante tal beleza, premido por metáforas obrigatórias.

Vossa Alteza trouxe sonho a minha vida – uma vida que já teve sua juventude, seu viço, sua plenitude. Agora, na fase da maturidade, depois de um casamento lindo e felicíssimo, de duas filhas adultas que são o meu orgulho, vivendo uma

viuvez serena, agradeço que se apresente com esta solicitude reservada e anônima.

Lembra do poema? “Ofereço-te meu ombro/ meu assombro/ e minha amizade”? É isso. Oferta sem pretensões. A não ser estender minhas mãos cansadas, no outono das nossas existências. O inverno, de fato, virá dentro de alguns anos. Em todo o caso, esta carta é escrita na quase primavera do planeta azul. Mera coincidência?

Escrevo não só para os nossos, mas para todos os corações. Os que pulsam na maravilha do ato respiratório e batem vigorosamente e também para os que sentem a ameaça das arritmias da vida e seus sustos. Talvez sejam os mais longevos. Os que resistem bravamente às sacudidas. Porque, nos hospitais, querem ficar perto da janela e ver o sol lá fora.

Eu quero sempre ver o sol lá fora.

* Nosso corpo, de jovem, amadurece de uma forma fatal. Viramos pessoas fatais na lógica do implacável. Olho mesmo é para frente e para o alto. Diz o Senhor a uma mensageira: “Não te desvies, não olhes nem para a direita e nem para a esquerda; mantém-te fixa em Mim”. Tento fazer isso. Enfim. Como fugir de nossas rotinas absurdas? Devo ter algumas receitas alquímicas para não deixar morrer o fogo que nos queima a alma. Ele será nosso eterno farol.

A luz deste que me guia agora, localiza-se em alguma ilha deserta, onde nunca aportamos. Lá deixei meu coração. Tarde demais, eu sei. Meu barco passou. O seu barco passou. A aduaneira não viu. Uma carta náutica não registrou. E os peixes ovularam debaixo d'água um poema oceânico. Aprisionado dentro de uma garrafa, à deriva. Além mar. Além terra. Além tempo.

Esta carta é bem singela, pode ver. Porém, incandescente. Saiba que estou aqui, assustadíssima com tudo isso, pensando nas virtudes de quem conseguiu tão bem guardar os seus segredos. Guarde no cofre.

Nós, mulheres, também os guardamos, quando queremos – ou quando precisamos. Tenha a certeza de que o coração de uma mulher é um poço sem fundo de segredos e mistérios. Nele

cabem – além dos brincos, do perfume e do batom –, todas as lendas, as fantasias, as histórias e os contos de fadas mais belos – como estes, escritos a cada novo e-mail. Deus salve a internet!

É uma beleza! É uma beleza – eu sei. Vossa Alteza também sabe. Como é vasto este assombro! Nada pode ser desperdiçado. Nem uma vírgula pode se perder. Nesta fábula retardatória, uma vírgula é potencialmente um poema de amor. Um romance de Tolstoi. Uma ópera de Verdi. O Bolero de Ravel. A Carmina Burana, em toda a sua glória.

Vírgulas – eis a carta! –, elas fazem uma frase respirar mais bonito. E eu estou sem ar. Eu preciso respirar. Tudo o que tenho aprendido com Vossa Alteza, meu amigo da fase outonal, é a retomada de uma música antiga, que dançamos na sala do mais lindo castelo. Meu bem, já não precisa falar comigo dengosa assim. Você me tirou para dançar, um dia. Um dia, gatinha manhosa, eu prendo você no meu coração. Comportou-se como um príncipe. Quero ver você fazer manha então. Presa no meu coração. Quero ver você...ê.

Não podia ser diferente. Um príncipe tímido que não conseguiu se declarar. Tão nobre. Tão digno da realeza dos bons costumes e bons sentimentos. Já não se fazem príncipes como antigamente.

Vamos deixar tudo como está? Passei da idade de usar sapatinho de cristal. E já bateu meia-noite. Da minha torre, tenho uma visão perfeita da história. Contudo, ninguém sabe o que pode acontecer na próxima volta do relógio, porque tudo muda o tempo todo no mundo. Essa é mais atual.

Talvez, para um príncipe de contos de fadas que se preze, Vossa Alteza guarde como trunfo o outro pé do sapatinho. Aquele que deixei cair, perdido nas escadarias do tempo. Ié, ié, ié.

Na carta de agora, quero mais que dizer “olá!”. Não sei se fica bem um simpático “muito prazer em revê-lo”. Não sei direito qual é a sua turma, se do “data vênia” e do “subscreevo-me atenciosamente”. Eu esculacho, assim, tipo “oi, cara”.

Contudo, Alteza, não queria, jamais, dizer “adeus”.

Sua Princesa



Para os que dormem tarde

Penso que deve haver algo de muito importante na vida de quem dorme tarde. Eu durmo tarde e sei de um batalhão de gente que também não vai para a cama antes da meia-noite. Leio sempre relatos de escritores, artistas, noctívagos em geral, de pessoas comuns que não conseguem dormir cedo.

É como se o dia precisasse de mais horas e a noite não fosse nenhum obstáculo para continuar o trabalho, a lida, o estudo, a pesquisa, o ato de criar e produzir. Para muitos, a noite é propícia para a criação, sobretudo a literária. No silêncio noturno, as frases brotam espontâneas e belas. Ou devastadoras; depende.

Que hábito é esse de dormir tarde? Penso sempre no grande mistério do sono. Por que dormimos? Vemos em nós mesmos os estragos de uma noite mal dormida, ou de quando, por alguma razão, precisamos ficar de vigília. Sim, basta uma noite insone e acordamos com olheiras, de um jeito que não queremos nem nos olhar no espelho. Por isso, as modelos lindíssimas afirmam que a melhor maquiagem é uma noite de bom e profundo sono.

O sono é fundamental para a saúde. Depois de um dia

exaustivo, tanto para a mente como para o corpo, existe algo melhor do que um banho quente, um creme hidratante para a pele e lençóis aconchegantes? Para mim, não há. Se estiver despista, ainda faço um chá destes que induzem ao sono.

O que é o sono? Por que dormimos? E por que vamos dormir depois da meia-noite? Somente pode desfrutar do luxo de dormir tarde quem não precisa levantar cedo. Verdade. Mas não levanto muito tarde, não. É como se meu ritmo biológico já tenha se habituado a uns horários meio irregulares e vai se adaptando bem a eles.

Lemos que o ideal são oito horas de sono. Mas nota-se que, com o passar do tempo, a necessidade de sono vai diminuindo. Assim, mesmo dormindo relativamente tarde, acabo acordando num horário bom, que me permite aproveitar parte da manhã para uma caminhada, tomar um pouco de sol no meu quintal, enfim, começar o dia com disposição e ânimo.

Aproveito as horas noturnas com gosto. Rezo, escrevo, medito, faço algo que acalme meu coração. Com a inquietação de sempre, resolvo sair lá fora e espiar o céu de dezembro. Este céu natalino que brilha para mim às duas da manhã, as estrelas tremeluzindo distantes. Onde está você?

Onde está você, meu lindo? São sete anos da sua partida e não dá para esconder a dor desta separação tão triste. Depois que você se foi, passei a dormir tarde, quando ainda morava na nossa chácara do Campestre. Lá, de madrugada, sem medo de sapos na varanda, nem das aves noturnas, sentava-me no “nosso banco”, pedindo que me ajudasse a voltar para a cidade.

Neste banco, em tantas meias-noites, me perguntei “onde está você?”. E sob o céu que nos protege, pedia uma luz, uma bênção divina, um venturoso ano novo, destes que esperamos com a alma em chamas. Era sempre tarde quando eu me recolhia, para continuar sozinha a oração que nunca termina.

Para os que dormem tarde dedico este texto. Para os que amam os humores das horas passando, o mapa da noite abrindo nossos olhos, a contemplação sublime do mistério e a paz do sonho.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MYRIA MACHADO BOTELHO
Cadeira nº 24 – Patrona: Maria Cecília Machado Bonachela

A difícil tarefa de escrever

Escrever é um ato sério. A passividade de uma folha em branco esconde armadilhas e comprometimentos. O que se fala é efêmero, mas aquilo que se imprime e se fixa exige reflexão, ponderação, cuidado, sobretudo conhecimento e apuro. O dever de informação e formação do escriba é vário em todas suas modalidades e não pode ser prejudicado pelo sectarismo – uma forma intransigente e apaixonada de dizer as coisas como se estas fossem certas e infalíveis, isto em se tratando de jornalismo. Ninguém é dono da verdade, contudo, podemos esforçar-nos para aproximar-nos quanto mais da veracidade que se constrói no repúdio a toda forma duvidosa, em que as fontes possam ser falsas ou mentirosas.

O trabalho de quem escreve é silencioso, sofrido e obscuro, nem sempre valorizado devidamente, tratando-se do escritor ficcionista e criador; são pequenas as consolações, exceto aquelas, parafraseando o poeta, anônimas e sem raízes, recebidas como bênçãos, “um repouso ao cansaço, um pouco de modéstia aos mais felizes, um pouco de bondade aos mais perversos.”

Nos tempos que correm, o texto da era digital é veloz, cria cenários de comunicação planetária, uma revolução que muitos chegam a considerar como a morte da palavra escrita, e conseqüentemente o fim da arte literária. Em meio a esta revolução, surgem fatores desgastantes em detrimento do que se poderia considerar uma preocupação maior e mais cuidadosa para com a comunicação escrita. O descaso com a língua e a sintaxe, o estilo e a forma, uma superficialidade sustentada e revigorada pela tecnologia fácil, criou uma improvisação

que ameça desbancar o esmero, o cuidado e o esforço dos bons esgrimistas da palavra e as características indispensáveis do verdadeiro escritor. Para tudo, é necessário o preparo, o embasamento da leitura e do conhecimento e, logicamente, o talento; acredito, contudo, que essa fase terá um fim, a bem de uma sobrevivência que, forçosamente, vai acontecer.

Expressando suas experiências e introspecções, dentro de seu próprio mundo, o bom escritor tem uma responsabilidade social, imposta pela qualidade inata da inteligência e do engenho natural. No ambiente onde vive, dentro de sua comunidade, sua tarefa é a de entregar a realidade nas mãos dos leitores.

Neste terceiro milênio, à sombra de todas as convulsões ocorridas no século passado, que muitos consideram o pior de todos os que o precederam no terreno da violência, das guerras, das lutas de classes e conflitos raciais, dos desregramentos morais e sexuais, sobretudo do materialismo sem Deus e contra Deus, as conquistas tecnológicas e científicas, estranho paradoxo, levaram o ser humano a regredir no terreno espiritual. Homens e mulheres desarmonizaram-se interiormente, sem saber o que fazer de si mesmos. Rompendo o próprio equilíbrio, rompeu-se em consequência, o equilíbrio ecológico e a estrutura da sobrevivência no planeta.

O gosto pela boa leitura, o aprofundamento, o mergulho no vastíssimo oceano das ideias e da reflexão que tantos benefícios podem trazer ao conhecimento humano e aos relacionamentos, aprimorando o comportamento subjetivo e, conseqüentemente, a contribuição qualitativa exterior, vêm cedendo espaços para a superficialidade medíocre. Os bons escritores escasseiam e já integram o quadro das exceções.

Por toda essa desordem, temos de admitir, somos responsáveis, estamos no mesmo barco, e com ele afundaremos ou emergiremos.

E o escritor? Deverá ele alienar-se e retirar-se, ou ainda restringir-se e comunicar ao mundo somente o lado amargo, cruel e triste de suas observações e experiências? Ou procu-

rar suavizar a realidade, dourando-a com o tênue manto do sonho, da beleza e da fantasia? E no terreno mais doméstico, dentro de suas pequenas fronteiras, no restrito raio de alcance de seu trabalho inglório e de resultados relativos neste país tão dividido, em que o humilde escriba do interior representa tão pouco ou quase nada, sem apoio ou incentivo, deverá ele insistir ou fugir? Cremos sinceramente que não.

Uma vez que as distâncias se encurtaram e as preocupações passaram a ser igualmente comuns; uma vez que a reciprocidade se tornou mais próxima e possível pelos meios de comunicação, é dever continuar e contribuir com a pequenina parcela que lhe cabe.

A literatura sempre será o instrumento mais sensível a serviço da criatura humana, além de ser um fator de unidade e ajuda recíproca. Em contacto com os acontecimentos mais próximos e nessa mútua relação, a voz do escritor no seu idioma nativo deverá ser a força que agrega, une e preserva o espírito de uma comunidade, de uma nação. Partindo das próprias experiências e identificações, e devagar, se começa a trazer na própria direção o que acontece pelo mundo.

Poetas, ficcionistas, jornalistas, historiadores e pensadores, quem senão estes, providos de sensibilidade e daquela indefinível chama de sensação intuitiva aliada à competência, poderiam ser melhores vigilantes da vida que pulsa ao redor, com toda sua pungência, seus acertos e fracassos, decepções e desencontros, com toda sua maravilhosa e doce utopia? Com toda sua memória preciosa e indispensável para ser legada aos jovens e servir de arrimo aos mais velhos?

O escritor é a testemunha de seu tempo. Pequeno ou grande, ousado ou tímido, na primeira frente ou na retaguarda, não importa. Com ímpeto ou doçura, carregando nas tintas ou suavizando-as, usando a palavra de forma envolvente e musical, ou tonitroando-a como imprecação, criando e dando vida eterna aos arquétipos imortais de tantas obras-primas, capazes das revoluções da alma e do mundo, ple-nas de um conteúdo inovador ou transformador- eis a força

da palavra que nenhum computador e nenhuma revolução digital poderá substituir com igual amplitude, benefício e confiabilidade.

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ROSALY APARECIDA CURIACOS
DE ALMEIDA LEME**

Cadeira n° 7 – Patrono: Helly de Campos Melges

Navegando

Quando o mar está calmo, qualquer barco navega bem.

W. SHAKESPEARE

Infelizmente, nosso mar não está calmo então, precisamos estar atentos para navegar.

Nesta época de crise devemos estar muito atentos para não deixar que se percam nosso patrimônio humano que é o nosso maior bem.

Busquemos o autoconhecimento para chegarmos à autoestima adequada.

Você é mais visual, mais auditivo ou mais sinestésico?

Qual tipo de inteligência é a sua: espacial, sinestésica-corporal, lógico-matemática, linguística naturalística, sonora, intrapessoal, interpessoal...?

Busquemos o conhecimento do outro para alcançarmos a estima pelo outro.

Busquemos o conhecimento do grupo para desenvolvermos a estima pelo grupo.

Planejemos. Nossos projetos e atividades.

Lembremo-nos: “*O resultado final do uso de um serviço é sentimento.*” K. ALBRECHT

Oremos o sentido da vida está em Deus.

Leiamos bons livros.

Encantemo-nos com as nossas realizações, mesmo que sejam pequenas.

Estejamos sempre entusiasmados e tenhamos prazer em realizar nossos sonhos individuais e coletivos.

Amemos, sejamos felizes!

“Bom mesmo é ir à luta com determinação, abraçar a vida e viver com paixão, perder com classe e viver com ousadia, a vida é muito para ser insignificante”. CHAPLIN

Tenhamos esperança.

Este espaço é seu, coloque o que achar conveniente e adequado.

Em 2016 façamos sempre o novo e não de novo.

Evangelho é a boa nova.

Planejamento de 2016.

Hoje, mais do que nunca, sabemos que temos que planejar em conjunto, executar em equipe e avaliar resultados globais e com todos os envolvidos.

Não há mais espaços para decisões isoladas.

Nada de abolir projetos técnico-científicos, todo o conhecimento deve ser socializado.

Realizações técnicas-científicas devem sempre ser utilizadas.

Líderes confiáveis sabem fazer escolhas trabalhar ações.

Metodologia adequada sempre leva a bons resultados.

Nada de improvisar.

Estudemos e nos preparemos para que 2016 seja melhor que o terrível 2015.

Não nos deixemos envolver, emocionalmente, com os efeitos da crise.

Busquemos caminhos que façam valer os valores humanos seus e das pessoas com quem você trabalha.

Terezinha Rios diz: felicidadeania.

O Novo

O novo nos tira da zona de conforto, desestabiliza e assusta. Como se perde um pouco da comodidade e segurança diante do novo, às vezes, a pessoa se prende muito ao antigo e

depois tenta desprestigiar o novo para se sentir mais cômoda. Quando a novidade não for criada por quem vai executá-la, é necessário que, de alguma forma, o executor se sinta fazendo parte do processo de criação, só assim o que é novo será bem aceito.

Se os que vão por em prática o novo, só porque é novo, e isso não for assumido com entusiasmo, o resultado está fadado ao insucesso.

Entender e analisar o novo são partes importantes de quem vai por em prática.

Nem tudo o que é velho precisa ser descartado.

Nem tudo só porque é novo é bom e deve ser abraçado.

Otimizar o antigo parece ser o muito adequado, pois o torna novo.

Ano novo requer sempre um novo olhar, um novo calendário e principalmente uma inovadora metodologia de trabalho.

Se não houver mudanças estruturais, pelo menos mudanças de metodologia, de foco e de maneira de ver.

O que não pode acontecer é ficar na mesmice.

O que é o novo?

Todo o processo?

Algumas pessoas?

Algumas funções?

A forma de trabalho?

Se pensarmos bem tudo é novo, diferente, pois nós mesmos em 2016 seremos diferentes do que fomos em 2015. Felizmente!

Nada será bom se fizermos tudo sempre igual.

Desejamos ser sempre melhores.

Algumas sugestões para a elaboração das novas propostas de trabalho para 2016.

Para as escolas, por exemplo.

Calendário novo.

Cada um ter sua agenda.

Todos os envolvidos no processo devem ter uma cópia

de tudo o que foi decidido pelo grupo:

O calendário geral do grupo deve ser elaborado por todos. Isso evita choque de horários, de datas de provas, ausência de elementos em reuniões, atrasos nas entregas de documentos.

O cumprimento das metas será sempre respeitado.

Se durante o ano letivo se o calendário de atividades for mudado, as mudanças devem ser reelaboradas coletivamente e se isto for impossível, pelo menos que todos sejam comunicados das mudanças.

Ao planejar 2016 faça tudo novo e não de novo.

Há coisas que não devem ser mudadas, por exemplos, valores perenes, mas a metodologia, o uso dos meios de comunicação e os valores efêmeros que, às vezes, circulam em torno dos valores perenes devem ser modificados e melhorados.

Inovar deve estar sempre ligado à ideia de otimizar.

As escolhas devem ser analisadas, pensadas, refletidas, ponderadas antes de serem postas em prática.

Estudar é preciso sempre. Ter equilíbrio é indispensável.

Nunca perder de vista o objetivo maior e as metas a serem alcançadas.

Recomeçar quantas vezes for necessário.

Neste maravilhoso jogo da vida só não vale desanimar pois, os sonhos nunca envelhecem.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA SÍLVIA REGINA DE OLIVEIRA
Cadeira nº 22 – Patrono: Erotides de Campos

P O E S I A

matéria leve, branca, fugidia ...
contorno algum nela demarcado
pois nem palavras as mais sutis
podem prender dum poeta os lados

BLUE MOON

O que fazer
com esta lua branca
cheia esplendorosa
fascina mente prateada
que agora se estampa
na janela de meu quarto
Ela - de seio farto
de mel mulher amada
- lua nua que se anca
no quase agosto céu

ARALÉM

Brisa de outono
no ar além ...
Há um mistério
azul anil
a olhos vistos
no horizonte
a braços largos
no mar abril
além de mim
além de ti ...
Um desvario
que nos revolve
tamanho rio
que nos alarga
e então nos traga
Um sonho, um tom
– um mistério que nos envolve
e assim nos move
no ar além
além... além...

EVER EVER LAND

There
where a breeze before a tempest
is felt differently
When the storm is brewing
the color is light
and threat means nothing
but blessing
What is that land like ?
Who has ever seen
that place in time ...
Why has it been
from one's eyes and souls
for so long hidden ...
– That, the ever ever
land of bliss

TRÊS MOMENTOS

Ah ... as relações
trazem sempre os seus se nãoos ...

I.

Que ela
esplendorosa mente
continue de arrebol
nos mare/l/ando
aquele aquela
algo alga
sendo sonho ...

II.

D'asazuis anjos nos acompanhem
nos caminhos se desalinhos ...

III.

Bem me quero
bem te quero
– meio a erros –
não a esmo nem acaso
: tudo certo
quando mesmo um mero ocase

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA VALDIZA MARIA CAPRÂNICO
Cadeira nº 4 – Patrono: Haldumont Nobre Ferraz

Dia Nacional do Livro Infantil

Em 16 de abril comemora-se O Dia Nacional do Livro Infantil. Comemora-se!?? Onde? Como?...

Vivemos num país onde o hábito da leitura está cada vez mais esquecido.

Nem crianças, nem adultos, pouquíssimas são as pessoas que dedicam algum tempo, em sua semana, para lerem um bom livro.

A leitura infantil é a base de qualquer formação. É através dela que a criança aprenderá a raciocinar concluir e criar.

Sem leitura de livros adequados para cada idade, as crianças vão crescendo como que robotizadas, adquirindo informações e conhecimentos que, em muitos casos, não servirão para quase nada.

Felizmente, ainda existem famílias onde os pais costumam ler histórias infantis para seus filhos, à noite, antes de dormir. Essas crianças, pouquíssimas em nossa sociedade, com certeza, já estarão adquirindo formação cultural valiosa para sua vida adulta.

Nas escolas públicas – permito-me aqui escrever conheço muitas – visitei; bibliotecas infantis (que parecem depósitos de livros velhos) onde livros belíssimos estavam à mercê da poeira, goteiras, ratos... Em algumas, notei também que muitos professores gostariam de trabalhar com seus alunos mas, a carga horária completamente lotada, não dá muito espaço para essa atividade, nem para o aluno e nem ao professor... lamentável...

Com isso, crianças vão crescendo sem esse gosto pela leitura, aqueles que tiveram a sorte de contar com os pais que valorizam essa atividade, poderão quem sabe, ter mais interesse por livros.

E assim, as crianças das escolas públicas, em sua maioria, terminam o ensino fundamental semi-analfabetas, sem conhecimento algum de leitura.

Mais felizes são aquelas crianças cujos pais podem colocá-las em escolas particulares, onde há tempo, disposição e interesse de diretores, professores, pela formação intelectual de seus alunos.

É através dessas leituras, que as crianças poderão adquirir noções de cidadania, respeito à natureza, a vida, amor ao próximo.

Quem sabe, se em lugar de uma longa, tarde de matemática e gramática importantíssimos, também se colocassem alguns textos de histórias infantis, a violência, agressividade, não estariam sendo reduzidas?

Crianças, especialmente hoje, quando tudo é muito rápido, precisam de atividades diversificadas e ler um livro de história, faz a mesma viajar pela imaginação, alargar seus horizontes.

E aí, pergunto as autoridades em Educação – por que as crianças das escolas públicas, não podem ter esse direito? Por que elas, não podem, em seu horário de aula, ter mais um tempo especial para lerem e criarem?

Imagino que, Monteiro Lobato e Thales Castanho de Andrade estariam muito mais felizes, e honrados se suas obras fossem conhecidas, trabalhadas nas escolas públicas. Aliás, em muitas, nem mesmo professores conhecem esses escritores... brasileiros... e um deles – piracicabano!!!

Há, também sei, professores – que costumam chamar de Educadores – que se preocupam não apenas em passar às crianças conhecimentos básicos do conteúdo escolar – mas, também descobrem, criam, metodologia capaz de inserir textos literários nos conteúdos, enriquecendo, despertando nas crianças o interesse maior pela leitura e pela escrita.

No mês de abril, com datas tão importantes para a história de nosso país, que as autoridades responsáveis pela formação educacional e cultural de nossas crianças não se esqueçam dessa data: 16 de abril – Dia Nacional do Livro Infantil

Música no Ar

Dia desses, um sábado, como de costume, pela manhã fui ao varejão municipal. É um espaço onde frutas, legumes, carne, massas, nos oferecem grande variedade de alimentos. E também há flores – maravilhosas.

Encanto-me com as bancas de frutas, tão bem arrumadas, coloridas, atraentes aos nossos olhos e ao paladar.

Mas, nesse sábado, havia alguma coisa diferente no meio daquele vai e vem de pessoas, de conversas...

Num pequeno espaço, um casal muito jovem, oferecia ao público, música popular francesa – ela tocava um pequeno acordeom e ele uma flauta – e, aos seus pés – uma caixinha na qual se identificavam e pediam algumas moedas ou frutas para se alimentarem...

Fiquei emocionada demais, aqueles jovenzinhos tocando, aquele som suave no ar, elevou meus pensamentos, acabou com minhas preocupações... Lembrei-me que, há muitos anos, em Londres, vivi essa mesma emoção por duas vezes... em uma estação de metrô onde um jovem tocava violino – solitário – lindas músicas; e outra, às margens do rio Tâmisa, um jovem, também solitário, tocava pistão.

É interessante notarmos como a música tem um grande poder sobre nós... pena que hoje, as músicas mais apreciadas pela maioria dos jovens, são mais barulho do que som, mais gritaria que melodia e se tiver letra, então, é bom nem prestar atenção nelas, pois são de extremo mau gosto, às vezes, pornográficas... ofensivas...

Aí penso na beleza de atitude desses jovens; ao invés de ficarem se drogando, roubando, ou planejando maldades – oferecem às pessoas música de boa qualidade e deixam alegria e leveza no ar. Longe de suas pátrias, talvez para matar as saudades, de uma forma tão doce. Meu espírito se renova e, com esperança, creio que nem tudo está perdido.

A música sempre me encanta e, quando, em minhas

caminhadas diária, passo pela Escola de Música e vejo no jardim jovens ensaiando com seus instrumentos, belas músicas, outras vezes ouço o som de um piano tocando, um violino, uma flauta, e – essas melodias no ar, dão mais alegria e leveza ao meu caminhar.

Reflico melhor sobre isso – a música tem um efeito tão positivo sobre todas as pessoas.

Recentemente, assisti a uma apresentação da Banda União Operária, por ocasião de seu aniversário, na Câmara Municipal e todos os presentes no local, acompanhavam as músicas ou cantando baixinho, ou dançando em suas cadeiras... e, com certeza, vontade de dançar...

Conheço pesquisas científicas que comprovam que até as plantas se desenvolvem melhor ou pior, conforme o som das músicas que se colocam nos laboratórios. E só como curiosidade: elas se desenvolvem muito bem ao som de música clássica orquestrada.

Já existem muitas empresas que também colocam música para seus funcionários, em determinados horários do expediente.

Há terapias que incluem música para tratar determinadas doenças. E, não precisamos de mais exemplos – nada des cansa e acalma mais nosso corpo e espírito do que a música!

Música no ar! Nas praças, nas ruas... em todo lugar por onde possamos caminhar...

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO WALTER NAIME
Cadeira nº 37 – Patrono: Sebastião Ferraz

Agosto, Mês do Cachorro Louco

Não sabemos realmente de onde, quando e porque surgiu a frase “Agosto, mês do cachorro louco”, mas com ela, seguiu uma forte superstição, que no mês de agosto as coisas ruins acontecem com mais frequência.

Se formos procurar nos estudos dos signos e do cosmo, talvez encontrássemos algo que tivesse ligado ao alinhamento de planetas, explosões estelares e outras influências, que poderiam afetar o comportamento humano.

Acontece que ainda a referida frase permanece frequentando os dias de hoje, com intuito de mostrar que o que acontece de ruim neste mês, reforça a ideia de tal crendice, pois o mês do cachorro louco anda a solta mordendo o que encontra a sua frente. Cuidado, pois a mordida contamina e se propaga, pondo em perigo tudo o que é equilíbrio e harmonia.

Nesta época parece que o ser humano, se torna mais vulnerável ao que podemos notar com relação ao imponderável, isto é, coisas que não estão no arsenal do racional e do sensato.

Assim o que nos leva a esse estado de cuidado é devido ao que está acontecendo, em áreas governamentais, onde parece que por lá passou um cão raivoso e mordeu todo mundo, provocando uma desordem no conceito da ética.

Uma mentira repetida dez vezes passa a ser verdade; uma denúncia de desvios de comportamento não deve ser apurado; todos os erros possíveis devem ser tolerados; a pouca vergonha, já não é tão pouca; os podres de cada um foi jogado no ventilador; eu não sei, eu não vi, eu não votei, o problema não é meu; eu não sei do que estão me acusando. E,

assim o cão raivoso, já não ladra porque o seu latido não mais adianta para afugentar os amigos da sensatez que são poucos. No entanto o que fica valendo é a sua mordida e a sua baba que escorre pela boca, tendo sede, muita sede de justiça.

Os poucos que permanecem não mordidos pelo cachorro raivoso, tentam arrumar remédios para os que foram infectados, mas como nesses momentos não mais são capazes do uso da razão põem tudo a perder. Não sei se a esperança é a última que morre, e talvez seja a penúltima que nasça, porque é necessário que se garantam as instituições, com novas sementes de ideais menos impuros.

Falamos dos cachorros loucos que passam e frequentam as áreas governamentais da alta cúpula, o que não deixa de valer para todos os pontos que não sejam dessa cúpula, porque todo o poder que tem o governo emana do povo, e acaba voltando ao povo, alterado por fatores diversos, como ganância e soberba, nos atingindo com o vírus da raiva e da incompetência. A “coisa” não deve subir à cabeça dos que mandam!

Acompanhemos todos os atos da matilha dos cachorros loucos, e aumentemos a produção de vacina antirrábica, evitando que a loucura ocupe os espaços políticos futuros, mantendo controlados os perigos a que estamos sujeitos.

APL EM AÇÃO – NOTICIÁRIO*

• O acadêmico **Geraldo Victorino de França** lançou o quarto livro da série “Aprendendo com o Voinho”, em abril, no Recanto dos Livros.

• As acadêmicas **Ivana Negri, Carmen Pilotto, Aracy Duarte Ferrari, Leda Coletti** e outras escritoras, participaram do Projeto Humaniza Unimed distribuindo poesias no Dia Internacional da Mulher no Hospital da Unimed

• As acadêmicas também distribuíram poemas no **Dia Nacional da Poesia** (14 de março) em vários locais da cidade.

• A acadêmica **Mônica Corazza Stefani** tem participação especial na novela “Haja Coração” da Rede Globo.

• O acadêmico **João Baptista de Souza Negreiros Athayde** lançou seu livro de poesias “Variações Poéticas sobre a Banalidade do Mal”

• A acadêmica **Valdiza Maria Capranico** foi eleita presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba

• **Faleceu o Príncipe dos Poetas de Piracicaba**
Membro Honorário da Academia Piracicabana de Letras

Curriculum Vitae

(Síntese de Vida – por ele mesmo)

NOME – Lino Vitti

IDADE – 08/02/1920

ESTADO CIVIL – Casado, em únicas núpcias, há 56 anos, com a Professora Dorayrthes Silber Schmidt Vitti

FILIAÇÃO – José e Angelina Vitti

NATURALIDADE – Piracicaba, Estado de São Paulo – Brasil (Bairro Santana, Distrito de Vila Rezende)

VIDA FAMILIAR

Casamento civil e religioso em comunhão de bens. Pai de sete filhos: Ângela Antônia, Dorinha Miriam, Rosa Maria, Fabíola, Lina, Rita de Cássia, Eustáquio.

VIDA PROFISSIONAL

Aposentado como Diretor Administrativo da Câmara de Vereadores de Piracicaba, e como Redator do “Jornal de Piracicaba”. Exerceu atividades no comércio, no Magistério, na lavoura até os 13 anos, na municipalidade local, como bibliotecário, lançador de impostos, protocolista, Secretário Municipal.

VIDA CULTURAL

Escola Primária – Grupo Escolar “Dr. Samuel de Castro Neves”, Santana, seminarista vocacional ao sacerdócio por seis anos, no Colégio Santa Cruz, da cidade de Rio Claro (SP), onde cursou humanidades, línguas, religião, ciências, matemáticas, música.

Cursos – Formou-se Técnico em Contabilidade, lecionou latim, francês, datilografia.

VIDA RELIGIOSA

Católico, Apostólico, Romano, fez curso de religião em seminário dos Padres Estigmatinos, foi organista da Catedral e da Igreja de São Benedito, de Piracicaba, e Congregado Mariano.

VIDA LITERÁRIA

Bafejado por ensinamentos de sábios sacerdotes em colégio de formação religiosa, recebeu extraordinário acervo literário que lhe propiciou enveredar pelo caminho da poesia, da crônica, dos contos, do jornalismo, havendo editado de 1959 a 2001 sete livros de poesias e contos, com edições em milheiros de volumes, os quais estão aí para satisfazer o gosto daqueles que apreciam a arte literária. São seus livros : “Abre-te, Sésamo”, 1959; “Alma Desnuda”, 1988; “A Piracicaba, Minha Terra”, 1991; “Sinfonia Poética”, de parceria com o poeta Frei Timóteo de Porangaba; “Plan-

tando Contos, Colhendo Rimas”, 1992; “Sonetos Mais Amados”, 1996 e “Antes que as Estrelas brilhem”, 2001. O poeta conta ainda com o prazer de haver composto hinos para diversos municípios, bairros rurais, entidades sociais diversas, continuando a colaborar ainda, após os 83 anos em colunas literárias e com artigos de ordem geral em jornais da terra. Faz parte da Academia Piracicabana de Letras que lhe outorgou o título honorífico de “PRÍNCIPE DOS POETAS DE PIRACICABA”. Foi-lhe concedida Pelo Município de Piracicaba, através de sua Secretaria da Ação Cultural, a MEDALHA DE MÉRITO CULTURAL, “Prof. OLÊNIO DE ARRUDA VEIGA”; é detentor do TROFÉU IMPRENSA, concedido pelo Lions Clube de Piracicaba, centro, e da MEDALHA ITALIANA, concedida pelo governo italiano de Benito Mussolini aos alunos de escolas e seminários de origem daquele país que tivessem se destacado em redação de trabalhos literários escritos na língua de Dante. O Município de Saltinho, para o qual contribuiu com o Hino dessa comunidade municipal, conferiu-lhe o título de “Cidadão Saltinhense”.

DISCURSO

Por ocasião do lançamento do livro de poesias “Antes que as estrelas brilhem”, pelo poeta Lino Vitti foi proferido o seguinte discursos:

Exmo. Sr. Heitor Gaudenci Jr. dd Secretário da Ação Cultural

Exmo. sr. Antônio Osvaldo Storel. dd. Presidente da Câmara de Vereadores de Piracicaba

Exmo. sr. Moacyr Camponez do Brasil Sobrinho, dd. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico

Exmo. sr. Henrique Cocenza, dd. Presidente da Academia Piracicabana de Letras

Exmo. Sr. Ésio Pezzato, anfitrião desta solenidade

Senhoras e Senhores

Pela sétima vez (graças a Deus) em minha vida lítero-

-poética vejo-me guindado a uma tribuna improvisada (o que é bom porque torna o fato mais popular), para proferir um discurso de agradecimento, ao lado da oferta de um novo livro de versos. É teimosia essa de poetas em desovar sua produção para que mais gente participe de suas tiradas, muitas vezes fora de forma e de ambiente, mas que o poeta não vê porque, ao editar um novo livro está cego pela emoção, como se fosse a vez primeira. Está aí o Êsio Pezzato, responsável por mais esta minha invasão no mundo das letras poéticas, para dizer se não é assim. Para dizer se não sofre também dessa doença feliz de editar livros e mais livros a ponto de perder a conta, já que a esta altura ele não sabe se já está no décimo ou décimo primeiro. E ainda continua batendo dedos de métrica, sabemos lá por quantos anos ainda!

Tenho um ex-colega de seminário, prof. Hildebrando André, aposentado como professor universitário e com o qual mantenho longa e pródiga correspondência, que não se cansa de enaltecer a felicidade de Piracicaba contar com tantos poetas e poetisas. Tem razão ele, pois se apenas dois deles já conseguiram editar 18 livros de poesia, imagine-se as centenas que seriam necessárias para dar um pouco de vazão a essa raridade intelectual que toma conta da minha terra!

Este meu livro vem à lume por obra e arte do prefeito José Machado, seu Secretário da Ação Cultural e de seu zeloso servidor Êsio Pezzato que se entusiasmaram diante da recitação de diversos poemas meus por um grupo de jograis, alunos da UNIMEP, e impressionados decidiram patrocinar a publicação deste livro, pois entenderam que Piracicaba poética merecia conhecer em mais profundidade o seu príncipe da poesia. E aí está, lindo e impecável, entregue às mãos do povo de Piracicaba, que indistintamente de cor, estudos, intelectualização, posses financeiras, categoria de trabalho, com religião ou agnóstico, jovem ou adulto, roceiro ou cidadão, aí está, para quiçá, momentos de lazer e sonho. Sonho, sim, porque a poesia é terrivelmente sonhativa, vive no mundo da fantasia, alicerça-se nas bases da emoção e brota do âmago

mais profundo do poeta, e para que as filhas de Eva não reclamem, da poetisa também.

Alguém me perguntará? Como é ser poeta? Juro, nunca pensei nisso. Acho que ninguém consegue ser poeta. Já é. Nasce feito, como dizem. Não é verdade Maria Cecília, Ivana Maria, Ésio Pezzato, Prata Gregolim, Marina Rolim, Valter Vitti, Mario Pires, Saconi, e *tutti quanti* enfeitam com seus lindos versos as páginas do “Jornal de Piracicaba, ou da “Tribuna Piracicabana, e assim também esse cacho imenso de livros poéticos que quase semanalmente são dados ao conhecimento e sentimento público de nossa terra? Tornando-se um privilégio de uma cidade, como disse alhures o supra citado meu colega seminarístico Hildebrando André.?

Não se suponha que para ser poeta é preciso ter nascido em berço de ouro ou em centros intelectuais de enorme repercussão. Nada disso. Tenho um soneto que define bem esse fato. É assim: “Eu não sou o poeta dos salões / de ondeante, basta e negra cabeleira] não me hás de ver nos olhos alusões / de vigílias, de dor e de canseiras. // Não trago o pensamento em convulsões,/ de candentes imagens, a fogueira. / não sou o gênio que talvez supões/ e não levo acadêmica bandeira.// Distribuo os meus versos em moedas/ que pouco a pouco na tua alma hospedas / - raros , como as esmolas de quem passa. / Mas hei de me sentir feliz um dia/ quando vier alguém render-me graça/ por o fazer ricaço de poesia. // “Poetas e poetisas saem do nada, devem trazer o selo ou o bilhete de entrada nesse reino encantado desde o útero materno, embora ouse eu afirmar que a vida é também uma grande mestra, as influências da mentalidade circunvizinha, o próprio meio ambiente, podem, em circunstâncias outras, plasmar um poeta .

Eu fui plasmado, por exemplo, por entre maravilhas campestres. A roça ou o campo são fantásticos criadores de poesia. Ela anda atapetando por todos os cantos a natureza, as gentes, os animais, os atos e fatos. e a cabeça daqueles com quem ela convive. E o poeta, criador por excelência, se abebera de todas as belezas esparsas pelas colinas, serras, vales e

descampados , para transformar tudo em versos e rimas, ou em versos simplesmente, onde pululam , como cabritos silvestres, as figuras literárias, os tropos, as sínteses, as comparações, e todos os anseios que lhe vão no imo da alma. Para satisfação própria e para satisfação dos que convivem com o poeta. É por isso que se botardes olhos curiosos sobre meus poemas haveis de tropeçar a todo o momento com um motivo roceiro, pois trago uma alma plasmada pelas belezas rurais de Santana, Santa Olímpia , Fazenda Negri, e especialmente por aquela colina encimada ,no cocuruto, pelo prédio do grupo escolar, onde aprendi a ler e escrever e a poetar.

Peço desculpas por haver-me prolongado um pouco nestas elucubrações poéticas, desobedecendo aos conselhos do amigo Êsio que continua exigindo de mim discursos improvisados, o que seria tão para os ouvintes , que ansiosamente aguardam o momento de bater palmas acabando assim com a verborragia oratória.

Não posso entretanto encerrar esta breve alocução sem deixar consignados meus agradecimentos do fundo do coração ao prefeito José Machado ,ao seu Secretário da Ação Cultural Heitor Gaudenci Junior, ao seu sub-secretário poeta Êsio Pezzato, ao prefaciador Moacyr de Oliveira Camponez do Brasil sobrinho, aos queridos opinadores Maria Cecília Bonachella, Maria Ivana França de Negri, exímias poetisas, prof. Elias Sallum e a minha filha Universitária Fabíola Vitti Moro, pela maravilhosa capa, Editores e toda equipe de funcionários , à minha esposa pela sugestão transmitida ao prefeito com relação ao advento desta obra, aos digitadores Nair , minha nora e neto Leonardo, e outros que possa ter esquecido, como é fácil em cachola idosa, - meus agradecimentos repito, pela reunião de esforços e trabalho que tornaram possível o advento de mais um livro de minha lavra.

Obrigado “ em geralmente” como dizem nossos curruqueiros, aos que ilustraram com sua arte musical esta solenidade e assim também a todos quantos acharam um tempinho

para vir prestigiar-me nesta tarefa de cultura e arte. Levem a certeza de que nada mais desejo do que engrandecer com minha poesia a terra que me viu nascer, a terra que me viu crescer, a terra que me proporcionou oportunidade para chegar a um cargo tão nobre quão dignificante de “Príncipe dos Poetas de Piracicaba”

Meu carinhoso obrigado também aos meios de comunicação, de modo especial “Jornal de Piracicaba”, na pessoa de seu Editor Chefe Joacyr Cury, de “A Tribuna Piracicabana”, na de seu diretor Evaldo Vicente, pela divulgação caprichosa deste evento que afinal nada mais é do que mais uma demonstração da exuberância cultural da Noiva da Colina.

DIRETORIA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS
TRIÊNIO: MAIO DE 2015 A ABRIL DE 2018

Presidente – Gustavo Jacques Dias Alvim
Vice-Presidente – Cassio Camilo Almeida de Negri
Primeira Secretária – Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto
Segundo Secretário – Evaldo Vicente
Primeiro Tesoureiro – Antonio Carlos Fusatto
Segundo Tesoureiro – Waldemar Romano
Bibliotecária – Aracy Duarte Ferrari
Conselho Fiscal – Cezário de Campos Ferrari
Walter Naime

GALERIA ACADÊMICA

Alexandre Sarkis Neder – Cadeira n° 13 – Patrono: Dario Brasil
André Bueno Oliveira – Cadeira n° 14 – Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs
Antonio Carlos Fusatto – Cadeira n° 6 – Patrono: Nélio Ferraz de Arruda
Antonio Carlos Neder – Cadeira n° 15 – Patrono: Archimedes Dutra
Aracy Duarte Ferrari – Cadeira n° 16 – Patrono: José Mathias Bragion
Armando Alexandre dos Santos – Cadeira n° 10 – Patrono: Brasília Machado
Carla Ceres Oliveira Capeleti – Cadeira n° 17 – Patrona: Virgínia Prata Grigolin
Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto – Cadeira n° 19 – Patrono: Ubirajara Malagueta Lara

- Cássio Camilo Almeida de Negri** – Cadeira nº 20 – Patrono:
Benedito Evangelista da Costa
- Cezário de Campos Ferrari** – Cadeira nº 12 – Patrono:
Ricardo Ferraz de Arruda Pinto
- Elda Nympha Cobra Silveira** – Cadeira nº 21 – Patrono: José
Ferraz de Almeida Junior
- Evaldo Vicente** – Cadeira nº 23 – Patrono: Leo Vaz
- Felisbino de Almeida Leme** – Cadeira nº 8 – Patrono: Fortu-
nato Losso Neto
- Francisco de Assis Ferraz de Mello** – Acadêmico Honorário
- Geraldo Victorino de França** – Cadeira nº 27 – Patrono: Sal-
vador de Toledo Pisa Junior
- Gregorio Marchiori Netto** – Cadeira nº 28 – Patrono: Delfim
Ferreira da Rocha Neto
- Gustavo Jacques Dias Alvim** – Cadeira nº 29 – Patrona:
Laudelina Cotrim de Castro
- Ivana Maria França de Negri** – Cadeira nº 33 – Patrono: Fer-
nando Ferraz de Arruda
- Jamil Nassif Abib (Mons.)** – Cadeira nº 1 – Patrono: João
Chiarini
- João Baptista de Souza Negreiros Athayde** – Cadeira nº 34
– Patrono: Adriano Nogueira
- João Umberto Nassif** – Cadeira nº 35 – Patrono: Prudente
José de Moraes Barros
- Leda Coletti** – Cadeira nº 36 – Patrona: Olívia Bianco
- Lino Vitti** – Acadêmico Honorário
- Maria Helena Vieira Aguiar Corazza** – Cadeira nº 3 – Patro-
no: Luiz de Queiroz
- Marisa Amábile Fillet Bueloni** – Cadeira nº 32 – Patrono:
Thales Castanho de Andrade

Marly Therezinha Germano Percin – Cadeira n° 2 – Patrona: Jaçanã Althair Pereira Guerrini

Mônica Aguiar Corazza Stefani – Cadeira n° 9 – Patrono: José Maria de Carvalho Ferreira

Myria Machado Botelho – Cadeira n° 24 – Patrona: Maria Cecília Machado Bonachela

Olívio Nazareno Alleoni – Cadeira n° 25 – Patrono: Francisco Lagreca

Paulo Celso Bassetti – Cadeira n° 39 – Patrono: José Luiz Guidotti

Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme – Cadeira n° 7 – Patrono: Helly de Campos Melges

Sílvia Regina de Oliveira – Cadeira n° 22 – Patrono: Erotides de Campos

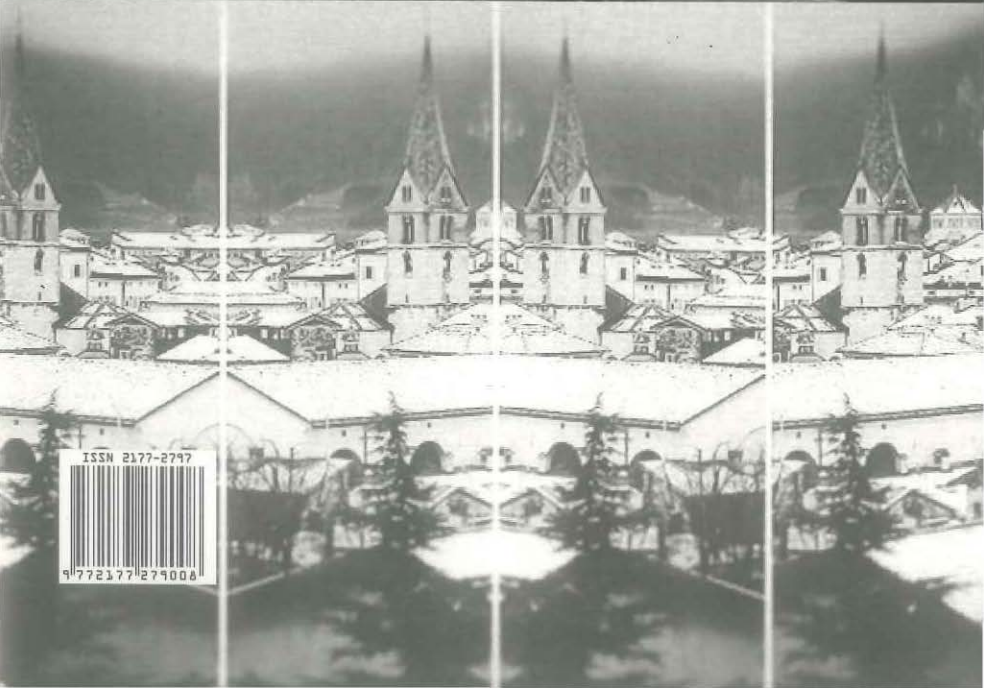
Valdiza Maria Caprânico – Cadeira n° 4 – Patrono: Haldumont Nobre Ferraz

Waldemar Romano – Cadeira n° 11 – Patrono: Benedicto de Andrade

Walter Naime – Cadeira n° 37 – Patrono: Sebastião Ferraz

Obs.: As cadeiras 5, 18, 26, 30, 31, 38 e 40 encontram-se vagas.





ISSN 2177-2797



9 7723 77 279006